



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS

PROFESSOR MILTON SANTOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A
UNIVERSIDADE

JULIANA SAPUCAIA DE FREITAS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RETRATO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
BRASILEIRA E DA PRÁTICA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS DO PAÍS**

SALVADOR - BAHIA

2024

JULIANA SAPUCAIA DE FREITAS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RETRATO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
BRASILEIRA E DA PRÁTICA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS DO PAÍS**

Dissertação apresentada ao programa de Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade- EISU, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, no âmbito da Linha de Pesquisa: Formação acadêmica, saúde e qualidade de vida na universidade.

Orientadora: Maria Constantina Caputo

Coorientadora: Carmen Fontes Teixeira

SALVADOR - BAHIA

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sapucaia de Freitas, Juliana

Plantão psicológico: um retrato da produção científica brasileira e da prática nas universidades públicas federais do país / Juliana Sapucaia de Freitas. -- Salvador, 2024.

65 f. : il

Orientadora: Maria Constantina Caputo.

Coorientadora: Carmen Fontes Teixeira.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos interdisciplinares sobre a Universidade) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2024.

1. plantão psicológico. 2. urgência emocional. 3. saúde mental. 4. produção científica. 5. universidade. I. Caputo, Maria Constantina. II. Fontes Teixeira, Carmen. III. Título.

JULIANA SAPUCAIA DE FREITAS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RETRATO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA E
DA PRÁTICA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS DO PAÍS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada, em 27 de junho de 2024.

Banca examinadora

Profa. Dra. Márcia Alves Tassinari (FGV)

Profa. Dra. Silvia Raquel Santos de Moraes (UNIVASF)

Profa. Dra. Renata Meira Veras (UFBA)

AGRADECIMENTOS

O meu percurso até aqui foi marcado por muitos percalços, emoções, aprendizados e laços de solidariedade e força entre mulheres, as quais tentarei exaltar nestes singelos escritos. A presença feminina, e o vigor dessa presença em minha vida, sempre me trouxe inspiração, persistência e vivacidade.

Agradeço humildemente aos Deuses e Deusas, Santos e Santas, Orixás, Guias, Anjo da Guarda e a Todos Aqueles e Aquelas que compõem a minha forte e diversa espiritualidade.

À minha mãe, Denise Sapucaia, minha maior fonte de inspiração na vida e a quem dedico todas as minhas conquistas e realizações. Minha é uma mulher aguerrida que fez de tudo para garantir o meu acesso a uma educação de qualidade, transformadora e crítica. Além de ser ela mesma a base sólida para o meu crescimento e desenvolvimento como pessoa, profissional e mulher.

Às minhas irmãs, Carol, Dani e Lari, pelos 37 anos de cumplicidade. Ser a caçula do quarteto me proporcionou não só dengo e proteção, como também as mais valiosas experiências sobre o mundo e sobre ser mulher no mundo.

Às minhas preciosas orientadora e coorientadora, Caputo e Carmen, por todo conhecimento compartilhado comigo ao longo dessa jornada e pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis que enfrentei. Além de professoras e pesquisadoras comprometidas eticamente com um ensino e produção científica que lancem luz sobre as demandas em educação e saúde - de ordem individual e coletiva - da população, são mulheres corajosas e encorajadoras.

À querida professora Flávia Goulart Rosa pelo carinho e cuidado com que revisou meus textos, propôs mudanças, ensinou-me e incentivou-me. Flávia se dedica à academia e à vida com o melhor de si, nos brindando com o privilégio dessa sua entrega.

À estimada Letiane Machado, doutoranda em Promoção da Saúde pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), que revisou minuciosamente a minha pesquisa e me fez ver que é possível fazer “pesquisa sem surtos”.

Aos participantes deste estudo, que não só cederam parte do seu tempo para responder ao questionário, como dividiram suas experiências, desafios encontrados e esforços empreendidos cotidianamente na prática clínica em psicologia.

Às minhas amigas, colegas psicólogas e companheiras da luta por um lugar melhor e mais igualitário para as mulheres e outros grupos que se encontram socialmente vulnerabilizados, Jamile e Ludmila, cujas conversas que sempre se iniciam de um assunto

aparentemente simples tomam uma outra dimensão e grande profundidade. Essas nossas trocas não estão presentes só na minha vida: elas ressoam nesta pesquisa que aqui apresento.

À minha amiga Nathália, que é uma preciosidade para mim. Nossos caminhos se cruzaram no cursinho pré-vestibular, quando éramos feitas de projeções para o futuro e, ao mesmo tempo, estávamos imersas em nossas questões de ser no presente. Ela seguiu o caminho da sociologia e eu, como já sabido, da psicologia. Mantemos desde então uma relação de partilhas, evoluindo juntas como mulheres, amigas e profissionais.

À minha amiga e colega de trabalho, Oelma, por me aguentar falando sobre o plantão psicológico durante todo esse tempo, mesmo esse não sendo um tema que dialogue com a sua formação acadêmica. Ela foi colo e cuidado e ainda segurou as pontas no setor diante da minha presença ausente.

À minha psicóloga, Carla Fagundes, que entrou em minha vida num momento em que eu estava completamente perdida e fragilizada e que, com sua escuta sensível e empática, vem me propiciando ressignificar vivências e compreender meu estar no mundo.

Aos membros da equipe de saúde do Serviço Médico Universitário Rubens Brasil (SMURB) da UFBA, o psiquiatra Gustavo Leal, a terapeuta ocupacional Selma Ribeiro, a enfermeira Raimeyre Torres e a assistente social Luci Tania Silva, que me acolheram em minha dor e mostraram, na prática, que viver a universidade também precisa contemplar o cuidar de si.

Ao meu chefe e amigo, Lyrio, que acredita mais em mim do que eu mesma e muito me estimulou a me tornar mestranda e retomar minha relação com a pesquisa, a qual sempre me instigou.

Ao meu amigo e colega de trabalho, Gustavo, cujas mãos estão presentes nesta pesquisa em todas as tabelas e gráficos. Ele me salvou todas as vezes em que tive dificuldades com as ferramentas tecnológicas, assim como sempre enalteceu minha habilidade de escrita, deixando-me ainda mais confiante em meu potencial.

A todos os outros amigos e colegas de trabalho, Carlos, Fernando, Jorge, Thici e Sérgio, pelo carinho e paciência (sei que não foi fácil me suportar esses tempos). Vocês tornam meu dia a dia de trabalho muito melhor e são parceiros para o que der e vier.

Ao meu chameguinho, Rodrigo Saraceno, que tem o incrível dom de me acalmar, confortar e fortalecer. Ele esteve ao meu lado em momentos muito difíceis do último ano e sua cumplicidade, sorriso fofo e memes diários tornaram as coisas mais leves para mim.

Aos meus fiéis companheiros caninos, Dick e Preta, que fazem da minha vida um terreno de amor incondicional e felicidade. Eles me ensinam muito todos os dias e me fazem renovar o fôlego diante das adversidades que surgem em minha estrada.

Por fim, mas longe de isso indicar uma questão de relevância, às estimadas integrantes das minhas bancas de qualificação e defesa, Profa. Dra. Márcia Tassinari, Profa. Dra. Renata Vêras, Profa. Dra. Vânia Sampaio e Profa. Dra. Silvia Moraes, pelas contribuições para o aprimoramento deste estudo, incluindo aqui não só as ponderações relativas à temática e às questões metodológicas, como também o convite provocador à ampliação de perspectivas.

Obrigada, de todo coração, a todas e todos vocês! Esta pesquisa é nossa, tem caráter contínuo e está aberta a toda comunidade.

Poeminha do Contra
*“Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!”*
Mário Quintana

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO I

- Figura 1** – Tipos de Estudo 19
- Figura 2** – Locais de prática do plantão nos estudos em que o lugar foi contemplado 26

ARTIGO II

- Figura 1** – Distribuição geográfica dos serviços participantes 38
- Figura 2** – Frequência absoluta das abordagens clínicas de referência dos plantonistas 42
- Figura 3** – Distribuição de escolaridade e faixa etária prevalentes por serviços 49
- Figura 4** – Demandas mais comuns nos atendimentos em plantão 50
- Figura 5** – Períodos de maior demanda por atendimento 52

LISTA DE TABELAS

ARTIGO I

Tabela 1 – Distribuição temporal da produção científica sobre plantão psicológico	16
Tabela 2 – Distribuição das publicações segundo vinculação institucional do autor principal, estado e região do país	17
Tabela 3 – Distribuição dos artigos de acordo com a classificação de periódicos Qualis – CAPES 2013-2016	18

ARTIGO II

Tabela 1 - Distribuição de universidades ofertantes por região do país	36
Tabela 2 – Distribuição dos serviços por ano de implantação	38
Tabela 3 – Distribuição dos serviços por fatores de implantação	39
Tabela 4 – Número de plantonistas por serviço	41
Tabela 5 – Distribuição das características clínicas esperadas do plantonista por serviço	43
Tabela 6 – Número de retornos possíveis por serviço	45
Tabela 7 – Participantes segundo gênero e idade	46
Tabela 8 – Participantes por cargo e tempo de atuação	46
Tabela 9 – Distribuição dos serviços em função da população à qual se destina o atendimento	48
Tabela 10 – Distribuição do plantão por órgão/setor ao qual está vinculado	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
APS	Atenção Primária à Saúde
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNS	Conselho Nacional de Saúde
EDUFBA	Editora da Universidade Federal da Bahia
FONAPRECE	Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
e-SIC	Sistema Eletrônico de Informação ao Cidadão
IHAC	Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos
IPUSP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPGEISU	Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SAP	Serviço de Aconselhamento Psicológico
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Terapia cognitivo-comportamental
TMC	Transtornos Mentais Comuns
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
APRESENTAÇÃO	10
ARTIGO I	12
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
CONCLUSÃO	27
LIMITAÇÃO DO ESTUDO	28
REFERÊNCIAS	28
ARTIGO II	32
INTRODUÇÃO	33
METODOLOGIA	36
RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60
COMENTÁRIOS FINAIS	65

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de uma longa pesquisa, desenvolvida no âmbito de Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), sobre o plantão psicológico, modalidade clínico-psicológica desenvolvida pela equipe do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) no final da década de 1960.

Investigar o plantão psicológico significa compreender as questões em saúde mental nas universidades, local de origem e desenvolvimento dessa prática clínica, e as possibilidades de suporte em psicologia de que dispõem essas instituições, bem como seu compromisso em ofertá-las. Mais do que isso, tem-se também um retrato das políticas e serviços públicos voltados para a saúde mental da população como um todo e uma ampliação na perspectiva do que pode constituir o campo de escuta na clínica psicológica.

Análises assim não podem ser dissociadas do contexto em que se dá o fenômeno: a conjuntura política conturbada e repressora contribuiu para a criação do SAP no IPUSP e, assim, levou a proposição de formas de atendimento, entre elas o plantão, que garantissem espaços para liberdades individuais e coletivas de ser e sentir. Da mesma forma, a oferta do plantão psicológico hoje está imbricada com os modos de vida da contemporaneidade e as formas de acessos aos serviços públicos em saúde.

Assim, o ponto de partida aqui delineado não poderia ser outro: mapear a produção científica recente sobre o tema, analisando o que as publicações sobre o plantão nos trazem e quais direções têm se estabelecido. Os resultados dessa investigação são apresentados no primeiro artigo “*Ser escutado, perceber que suas experiências importam, contribui para o resgate da dignidade do ser humano*”, publicado na Revista de Ciências Médicas e Biológicas, editada pelo Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em seu volume 22, número 1, p. 113–122, de 2023.

A segunda parte deste trabalho volta-se especificamente ao plantão nas universidades, o que também é uma direção para a qual aponta a primeira investigação. Esse estudo se deu com coordenadores dos serviços de plantão psicológico das universidades públicas federais e objetivou caracterizar essa prática clínica nessas instituições nos últimos anos. O artigo fruto dessa pesquisa será publicado, numa versão reduzida, como capítulo na Coletânea de Artigos do PPGEISU, editada pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), volume 3, de 2025.

Os dois estudos são descritivo-exploratórios, de abordagem quali-quanti, tendo cada um suas particularidades metodológicas. Sobre isso, é importante também desvelar de onde fala o pesquisador, clarificando suas perspectivas e o que dele intersecciona o seu objeto de estudo. Essa autorreferência possibilita ainda, em uma dada medida, alcançar os critérios de elegibilidade dos enunciados utilizados. Neste caso, a autora é psicóloga, especialista na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), abordagem que está na base constitutiva do plantão psicológico, e servidora técnico-administrativa de uma universidade federal, na qual já atuou como plantonista. A proposta deste trabalho advém das suas experiências e inquietações com a oferta de serviços clínico-psicológicos nessas instituições, bem como da própria vivência de adoecimento mental na universidade.

Os dois artigos aqui apresentados contribuem para construção de um retrato do plantão na atualidade, delineando a produção científica sobre o tema a partir de diferentes dimensões de análise e debruçando-se sobre sua prática nas universidades ao passo que torna possível cotejar a relação entre pesquisa e práxis dessa clínica da prontidão.

ARTIGO I

SER ESCUTADO, PERCEBER QUE SUAS EXPERIÊNCIAS IMPORTAM, CONTRIBUI PARA O RESGATE DA DIGNIDADE DO SER HUMANO

BEING LISTENED TO, REALIZING THAT YOUR EXPERIENCES MATTER, CONTRIBUTES TO THE RESCUE OF HUMAN DIGNITY

Juliana Sapucaia de Freitas¹, Maria Constantina Caputo² e Carmen Fontes Teixeira³

Resumo

Introdução: O plantão psicológico é uma modalidade de atenção psicológica que se caracteriza pela oferta de uma escuta clínica especializada no exato momento em que o sujeito vivencia uma crise. Essa prontidão na acolhida dialoga com as necessidades do sujeito contemporâneo que, imerso num cenário de indisponibilidade de tempo e afeto, encontra no plantão um lugar de referência com o qual poderá contar para o cuidado em saúde mental. **Objetivo:** Analisar a produção científica sobre o plantão psicológico do período de 2017 a 2021. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de abordagem quali-quantitativa acerca das publicações sobre o plantão psicológico indexadas no Portal de Periódicos da CAPES. **Resultados:** Foram encontrados 34 artigos, dos quais 19, por atenderem aos critérios de elegibilidade estabelecidos, integraram este estudo. A produção científica sobre o plantão psicológico vem sendo desenvolvida nos serviços-escola das instituições universitárias, publicadas em veículos de expressiva qualidade, com maior concentração de estudos na região sul do Brasil e com predomínio de pesquisa de natureza qualitativa e relatos de experiência. Em relação à temática abordada, foram identificados três núcleos de sentidos: fundamentação teórica do plantão a partir de uma abordagem específica, plantão como prática clínica na formação profissional em psicologia e características dos sujeitos que demandam a clínica do plantão. **Conclusão:** Constatou-se que os estudos sobre o plantão têm trilhado caminhos diversos, incluindo várias abordagens teóricas e práticas em contextos distintos, com destaque para os serviços-escola das universidades, lugar de concepção dessa modalidade clínica e onde se pode fazer a diferença na formação de profissionais comprometidos ética e politicamente com os sujeitos em situação de angústia/sofrimento psíquico, que têm, no plantão, portas abertas para serem escutados, de modo a compreenderem seus problemas e atribuírem novos significados às suas experiências.

Palavras-chave: plantão psicológico; produção científica; urgência psicológica; urgência subjetiva.

¹ Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade na Universidade Federal da Bahia (PPGEISU/UFBA).

² Médica e psicóloga, doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA) e docente do PPGEISU/UFBA

³ Médica, doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora (aposentada) do IHAC/UFBA e docente do PPGEISU/UFBA

Abstract

Introduction: The psychological ‘on duty’ is a type of psychological care that is characterized by the provision of specialized clinical listening, at the exact moment when the subject experiences a crisis. This readiness in welcoming dialogues with the needs of the contemporary subject who, immersed in a scenario of unavailability of time and affection, finds, on duty, a place of reference on which he can count on mental health care. **Objective:** To analyze the scientific production on psychological duty in the period from 2017 to 2021. **Methodology:** This is a descriptive-exploratory study with a quali-quantitative approach about the publications on psychological duty indexed in the CAPES Journal Portal. **Results:** A total of 34 articles were found, of which 19, as they met the established eligibility criteria, were part of this study. Scientific production on psychological duty has been developed in the teaching services of university institutions, published in vehicles of expressive quality, with a greater concentration of studies in the southern region of Brazil and with a predominance of qualitative research and experience reports. Regarding the topic addressed, three core meanings were identified: the theoretical foundation of the on-duty from a specific approach, on-duty as clinical practice in professional training in psychology and characteristics of the subjects who demand the on-duty clinic. **Conclusion:** It was found that studies on the on-duty have followed different paths, including several theoretical and practical approaches, in different contexts, with emphasis on university school services, the place where this clinical modality is conceived and where a difference can be made in training of professionals who are ethically and politically committed to subjects in situations of anguish/psychic suffering, who have, on duty, open doors to be listened to, in order to understand their problems and attribute new meanings to their experiences.

Keywords: Psychological duty; Scientific Production; Psychological Urgency; Subjective Urgency.

INTRODUÇÃO

A psicologia, ao longo de sua história, tem se mobilizado para ampliar sua atuação, buscando estar presente onde as pessoas vivem e se relacionam e se pondo ao alcance daquelas que dela necessitam. A prestação de serviços clínico-psicológicos em instituições é uma possibilidade de aproximar-se da rotina das pessoas e do contexto em que estão inseridas, podendo assumir diferentes formatos: psicoterapia convencional, psicoterapia breve, psicoterapia focal, grupos terapêuticos e plantão psicológico.

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico-psicológico que nasceu em uma instituição, o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), em 1969, poucos anos após o reconhecimento legal da psicologia como profissão no Brasil e em meio a graves e profundas conturbações na vida social e política do país¹. Idealizado, com fundamentação teórica na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers, pela equipe do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do IPUSP, o plantão consiste numa prática de atenção psicológica aberta à comunidade, que busca atender a pessoa no exato momento de sua necessidade^{1,2}. É uma modalidade clínica que se volta para o sujeito em seu atravessamento premente ao colocar-se, de forma facilitada e desburocratizada, em regime de

prontidão para acolher aquilo que urge. Não se trata de psicoterapia, mas da oferta de um espaço de escuta especializada a um sujeito que apresenta uma demanda subjetiva, na ocasião em que ele vivencia sua iminência, oferecendo-lhe, assim, condições para que possa identificar recursos de enfrentamento e ressignificar o seu estar no mundo^{2,3}.

Considerando que o sujeito da contemporaneidade encontra, como um dos principais desafios, a efemeridade dos processos e dos fenômenos, a fluidez das relações e um tempo que se esvai, a psicologia, como uma área de conhecimento que se ocupa da constituição subjetiva do homem, depara-se com novas e desafiadoras questões. Nesse contexto, o plantão psicológico se insere como uma clínica comprometida com a escuta e o atendimento do outro, concebido como um sujeito sócio historicamente situado^{3,4}.

Esse sujeito que se vê em meio às incertezas e instabilidades decorrentes de um processo que constrói e, ao mesmo tempo, desconstrói a realidade, encontra no plantão um lugar de referência: um espaço acessível, com o qual poderá contar diante de uma necessidade⁴. Em uma época em que a indisponibilidade, de caráter afetivo ou temporal, impera, poder contar com um espaço de acolhimento para sua dor no momento em que o sujeito a vivencia faz do plantão uma clínica atual e potente.

Em contraponto à psicologia clínica tradicional, alicerçada principalmente no psicodiagnóstico e na análise estrutural da personalidade, o plantão se volta para as necessidades das pessoas em seu viver cotidiano. Sua atuação se enquadra como uma prática de promoção de saúde e atenção cuidadosa, visto que se propõe a suportar as situações do dia a dia que são percebidas pelo sujeito como algo que transpassa sua subjetividade⁵. Trata-se de um encontro transformador entre uma pessoa que vive uma angústia e outra que está disposta a acolhê-la, entre aquele que precisa falar e aquele que está ali, de prontidão, para lhe ofertar uma escuta qualificada. Esse pronto atendimento se compreende fundamentalmente como um promotor de bem-estar psicossocial, o que, dito de outra forma, corresponde a deslocar o eixo da psicopatologia para voltar-se a uma noção de saúde socialmente contextualizada².

Nessa prática clínica portas-abertas, a psicologia busca afirmar sua presença e atenção integral à realidade dos sujeitos, o que vai ao encontro da compreensão de clínica defendida por Figueiredo⁶, vista como *ethos*, como uma atitude, e não como uma área de atuação circunscrita a consultórios particulares. Para esse autor, o que define a clínica é a sua ética, o compromisso com a escuta do sujeito que sente e sofre e o respeito a seus recursos e limites enquanto ser autônomo.

Tendo em vista a limitação de trabalhos voltados à investigação das publicações sobre o tema^{7,8}, o presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica sobre o plantão psicológico desenvolvida no período de 2017 a 2021, refletindo acerca dessa prática clínica que, apesar de ter surgido no final da década de 1960, tem se mostrado em sintonia com a temporalidade atual, constituindo um importante recurso no campo da promoção da saúde mental.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa descritivo-exploratória. Trata-se de um tipo de estudo que fornece uma visão geral sobre temas pouco investigados a partir da descrição das características do fenômeno e das variáveis que o interseccionam^{9,10}. Nessa perspectiva, o primeiro passo foi a elaboração de uma pergunta norteadora: “Quais as características da produção científica sobre plantão psicológico dos últimos cinco anos (2017-2021)?”. Em seguida, definiu-se a fonte de dados, que foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e procedeu-se à busca com utilização do descritor “plantão psicológico”. Além disso, as publicações foram filtradas por idioma e recorte temporal, visando selecionar apenas estudos redigidos em português, inglês ou espanhol e publicados no período de 2017 a 2021. A busca retornou um total de 34 artigos, dos quais foram lidos os resumos, aplicando-se os seguintes critérios de inclusão: pesquisas científicas, em quaisquer formatos, cujo objeto de estudo fosse, direta ou indiretamente, o plantão psicológico e que estivessem disponíveis, na íntegra, *on-line*. Foram excluídos os artigos repetidos. Dessa forma, nove artigos que se repetiam, dois que estavam fora do recorte temporal do estudo (mesmo após aplicação do filtro, um artigo de 2016 e outro de 2022 apareceram nos resultados) e quatro em que o plantão psicológico não constituía um tópico da investigação, apenas era mencionado como uma modalidade clínica, não fizeram parte deste estudo.

Os 19 trabalhos selecionados foram lidos na íntegra e organizados em uma planilha do Programa *Microsoft Excel* em função de: título; ano da publicação; autoria; filiação institucional do autor principal; estado e região em que se situa a instituição à qual esse autor está vinculado; periódico onde o artigo foi publicado; tipo de estudo (pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa; estudo teórico e relato de experiência); enfoque teórico (no caso dos estudos em que o plantão psicológico foi abordado a partir de um referencial teórico específico); local (estudos que consideraram o plantão em um determinado contexto) e

palavras-chave. Esses atributos foram elencados a fim de se traçar um panorama geral dos estudos sobre o plantão, contribuindo para o delineamento de tendências e perspectivas das investigações sobre o tema.

A análise do conteúdo dos artigos selecionados foi feita a partir das indicações de Bardin¹¹, iniciando-se com a pré-análise, seguida da exploração do texto completo segundo as categorias de análise apontadas, o que permitiu a elaboração de uma tipologia dos artigos conforme concepção dos autores acerca do plantão psicológico, bem como a elaboração de gráficos e tabelas que expressam a distribuição temporal, territorial, por avaliação do periódico no Qualis-CAPES, por tipo de metodologia empregada na pesquisa que originou cada artigo componente deste estudo e por instituição em que o serviço está inserido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Distribuição temporal das publicações

A produção científica sobre o plantão psicológico dos últimos cinco anos constituiu-se de 19 estudos, todos artigos, que foram organizados por ordem cronológica do ano de publicação conforme se expõe na tabela a seguir:

Tabela 1 – Distribuição temporal da produção científica sobre plantão psicológico

ANO	Nº DE ARTIGOS	%
2017	2	10,53
2018	2	10,53
2019	6	31,58
2020	3	15,79
2021	6	31,58
TOTAL	19	100

Fonte: elaboração própria.

As publicações sobre o plantão se apresentaram de forma crescente no período de 2017 a 2021, observando-se significativo declínio de produção no ano de 2020 (15,79%), com retomada no ano seguinte. Tal declínio pode estar relacionado ao início da pandemia de Covid-19, tendo em vista que uma reaproximação dos modos de vida habituais apenas foi possível com o acesso da população à vacinação, o que, no Brasil, só foi garantido no início do ano seguinte¹². A produção do ano de 2019 (31,58%) foi superior à soma das publicações dos anos de 2017 (10,53%) e 2018 (10,53%), o que sinaliza a ascensão do interesse a respeito do tema, que em 2021 voltou ao mesmo patamar.

Distribuição dos artigos segundo vinculação institucional do autor principal, estado e região do país

Quanto à caracterização das pesquisas sobre o plantão no que tange à região geográfica, houve um predomínio da produção realizada em instituições situadas no sul do país, representando 36,84% das publicações (Tabela 2), seguida da produção oriunda de instituições da região Sudeste, com 26,32%. Norte foi a região com menor número de publicações, constituindo a origem de apenas 5,26% dos estudos. Cabe destacar que a produção da região Sul se concentrou no estado do Paraná, especialmente na Universidade Estadual de Londrina (UEL), que, com 4 publicações, foi responsável por 57,14% dos estudos dessa região e 21,05% do total de trabalhos sobre o tema. Essa concentração, provavelmente se deve ao fato de as publicações dessa universidade serem desdobramentos das experiências com o plantão ofertado no serviço-escola da instituição sob coordenação da professora Maíra Bonafé Sei, docente associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise e diretora da Clínica Psicológica da UEL (Gestão 2014-2018 e 2018-2022), que figura como coautora nos referidos trabalhos e tem se dedicado à pesquisa sobre o tema¹³.

Tabela 2 – Distribuição das publicações segundo vinculação institucional do autor principal, estado e região do país

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO	Nº	%
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	1	5,26
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal do Vale do São Francisco	1	10,53
		Universidade Católica de Pernambuco (instituição Privada)	1	
Centro-Oeste	Mato Grosso do Sul	Universidade Federal de Grande Dourados	1	21,05
		Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	1	
		Universidade Federal de Jataí	2	
Sudeste	Rio de Janeiro	Centro Universitário Celso Lisboa (instituição Privada)	1	26,32
		São Paulo	Universidade Paulista (instituição Privada)	
	São Paulo	Universidade de São Paulo	1	
		Universidade de Sorocaba (instituição Privada)	1	
		Minas Gerais	Universidade Federal de Uberlândia	
Sul	Paraná	Universidade Estadual de Londrina	4	36,84
		Universidade Estadual de Maringá	2	
		Universidade Paranaense (instituição privada)	1	
TOTAL			19	100

Fonte: elaboração própria

A prevalência de estudos na região Sul pode indicar, inclusive, que as pesquisas sobre o plantão vêm ganhando força para além da região em que se situa sua base constitutiva, visto que o surgimento dessa modalidade de atenção ocorreu na Universidade de São Paulo (USP), que mantém a oferta dessa prática até os dias atuais e detém tradição de pesquisa na área^{7,8}. É válido pontuar que a produção do estado de São Paulo ainda se manteve em evidência, representando 15,79% (3) do total de estudos e situando-se como segundo estado com maior número de publicações acerca do assunto.

Distribuição das publicações segundo classificação no Qualis - CAPES e periódicos

As publicações sobre o plantão psicológico têm sido feitas em veículos de expressiva relevância, com 63,16% (12) dos trabalhos (Tabela 3) nos estratos de excelência do Qualis – CAPES, segundo classificação, da Área de Psicologia, do quadriênio 2013-2016¹⁴. Trata-se de artigos submetidos a rigorosos critérios de avaliação científica e indexados em importantes bases de dados, indicando, portanto, a elevada qualidade e o alcance do conhecimento produzido sobre o tema¹⁵.

Tabela 3 – Distribuição dos artigos de acordo com a classificação de periódicos Qualis – CAPES 2013-2016

ESTRATO QUALIS CAPES (2013-2016)	PERIÓDICO	Nº	%
A1	Psicologia em Estudo	1	5,26
A2	Estudos e Pesquisas em Psicologia	1	26,32
	Psicologia USP	1	
	Psicologia: Ciência e Profissão	3	
B1	Revista da Abordagem Gestáltica	1	10,53
	Revista da SPAGESP	1	
B2	Interação em Psicologia	1	21,05
	Revista Baiana de Enfermagem	1	
	Revista Brasileira de Psicodrama	1	
	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas	1	
B3	Semina: Ciências Sociais e Humanas	1	5,26
B4	Itinerarius Reflectionis	1	26,32
	Revista Brasileira de Tecnologias Sociais	1	
	Revista de Psicanálise Stylus	1	
	Revista em Extensão	1	
	Revista Mundi Sociais e Humanidades	1	
B5	RealizAção	1	5,26

TOTAL	19	100
--------------	-----------	------------

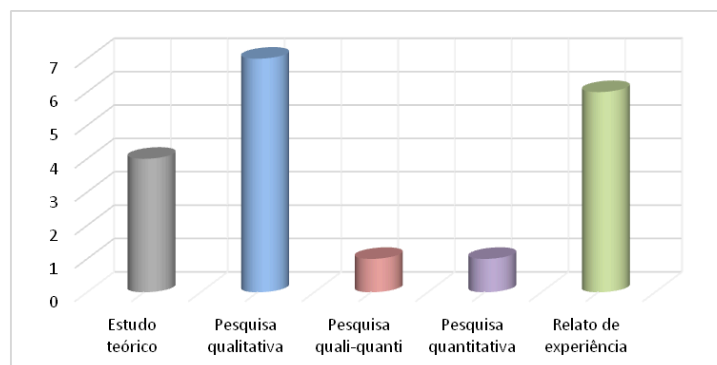
Fonte: elaboração própria

A presença em indexadores e bases de dados é uma das principais medidas de acessibilidade do conhecimento pela comunidade científica e, portanto, constitui um critério de grande relevância na classificação dos periódicos. Ademais, a mensuração do quanto o periódico é lido e citado fornece um dado preciso de seu alcance e, por esse motivo, também compõe uma dimensão importante da avaliação. Assim, os periódicos classificados nos primeiros quatro estratos estão presentes, no mínimo, em três dos mais relevantes indexadores e bases de dados para a área de psicologia e apresentam significativos escores de impacto e citação (com parâmetros específicos para periódicos internacionais gerais ou áreas afins, internacionais da área de psicologia, nacionais gerais ou áreas afins e nacionais de psicologia)¹⁵. É importante pontuar que dos 12 periódicos classificados nesses estratos, apenas um (Revista Baiana de Enfermagem) não é especificamente voltado para área de psicologia, o que aponta para o fato de que a produção e a disseminação de conhecimento sobre o plantão psicológico vêm se pautando, de forma prioritária, no estabelecimento de um diálogo direto com a área.

Distribuição dos artigos segundo a tipologia dos estudos

A classificação dos artigos segundo o tipo de estudo foi realizada a partir da definição constante nos próprios trabalhos, e, nos casos em que essa informação não estava presente, através da identificação dos procedimentos e métodos utilizados. Com isso observou-se (Figura 1) uma predominância de pesquisas qualitativas (7)¹⁶⁻²², seguidas de relatos de experiência (6)²³⁻²⁸ e estudos teóricos (4)²⁹⁻³². Com uma produção cada, os trabalhos de natureza quali-quanti³³ e quantitativa³⁴ tiveram a menor frequência.

Figura 1- Tipos de estudo



Fonte: elaboração própria.

A prevalência de pesquisas qualitativas e relatos de experiência corroboram achados anteriores^{7,8} e evidenciam a relação entre a produção científica sobre o plantão e a prática profissional, com ênfase em abordagens que valorizam a experiência vivencial.

Análise temática dos artigos: concepções, sujeitos e práticas do plantão psicológico

No tocante às temáticas do estudo, sete publicações^{16,17,23,24,29-31} buscaram abordar o plantão psicológico a partir de um enfoque teórico específico; seis^{18-20,25-27} se debruçaram sobre o plantão psicológico enquanto prática clínica na formação em psicologia; e outros seis^{21,22,28,32-34} estudos trataram dos sujeitos atendidos no plantão. A seguir, detalhamos a análise do conteúdo de cada um desses conjuntos de artigos.

a) Fundamentação teórica do plantão a partir de uma abordagem específica

Neste eixo, os estudos versaram sobre o plantão a partir da psicanálise^{29,30}; gestalt-terapia²³, psicodrama¹⁶, psicologia humanista-fenomenológica¹⁷, terapia cognitivo-comportamental²⁴ e existencialismo sartriano³¹. Isso mostra um movimento de engajamento de atores de várias matrizes teóricas da psicologia na produção de conhecimento sobre o plantão, sinalizando uma expansão das perspectivas acerca dessa prática clínica e abertura para articulação de diálogos entre as abordagens.

Daher *et al.*²⁹ abordaram, em um estudo teórico-clínico, a escuta psicanalítica no plantão psicológico. Para as autoras, o encontro entre o plantonista e o sujeito em sofrimento psíquico é um encontro analítico, ainda que único e breve. Elas consideram que, assim como no processo de análise, no plantão também há espaço para a técnica de escuta psicanalítica, atenta às manifestações do inconsciente que emergem na fala do sujeito. Desse modo, a escuta do inesperado no plantão é a escuta de um não-dito do discurso, viabilizada pela transferência estabelecida ali naquele encontro.

No referido estudo estabeleceu-se também um diálogo com a ACP, sobre a qual se sustentam as bases do plantão e da literatura a respeito do tema, destacando-se as aproximações. Assim como na escuta psicanalítica tem-se a escuta do saber do sujeito, na escuta centrada na pessoa compreende-se o sujeito como detentor de uma capacidade para crescer e se desenvolver na medida de suas potencialidades intrínsecas. Ademais, houve uma correlação entre a concepção da ACP de que o encontro entre o plantonista e o sujeito busca tornar esse último mais autônomo e a noção psicanalítica de responsabilização do sujeito perante seu sofrimento, o que implica torná-lo mais consciente de seus processos²⁹.

Esse diálogo sobre o plantão com a ACP também pôde ser visto num relato de experiência sobre um plantão gestáltico²³. O plantão psicológico centrado na pessoa tem como eixo fundamental o encontro, a relação de ajuda, na qual o terapeuta atua de forma a facilitar o crescimento do cliente. Da mesma forma, o plantão psicológico gestáltico prioriza a psicologia do “entre”, da mutualidade, tornando esse encontro único. Nesse formato de atendimento, a gestalt-terapia se volta para a atitude da pessoa frente a seu problema, o que, na perspectiva centrada na pessoa, se aproxima da ideia de facilitar para que o sujeito se posicione diante de seu sofrimento.

Em um estudo¹⁶ que objetivou investigar as possibilidades de fundamentação do plantão psicológico no referencial do psicodrama, observou-se que o uso de técnicas psicodramáticas contribuiu para ampliação das formas de expressão do cliente ao passo que facilitou a empatia e a aproximação do plantonista. Tais técnicas foram consideradas como um recurso importante para auxiliar o plantonista a transpor momentos de estagnação que possam ocorrer durante o encontro e fomentar mudanças de percepção dos clientes a partir da experiência vivencial. Acrescentou-se ainda que a dramatização mobiliza expressão de aspectos excluídos da experiência. Aqui é possível estabelecer uma correlação com a escuta psicanalítica do não-dito demarcada por Daher *et al.*²⁹.

Ortolan *et al.*³⁰ ousaram ao abordar o plantão psicológico como uma possibilidade de porta de entrada na análise psicanalítica. Para essas autoras, o encontro terapêutico em plantão guarda semelhanças com os primeiros tempos do tratamento analítico. Na primeira fase do processo analítico, acontece a retificação subjetiva, que é o momento em que o analista identifica a relação do sujeito com seus sintomas, o sentido que ele consegue dar ao seu sofrimento. A partir dessa compreensão, as autoras indicaram que um plantão pautado pela ética da psicanálise visa justamente situar o usuário em relação a sua posição na realidade apresentada, o que corresponderia ao processo de clarificação de demanda citado na literatura humanista sobre o plantão.

No que se refere às intervenções empregadas pelos plantonistas numa perspectiva humanista-fenomenológica, Barbosa e Casarini¹⁷ identificaram três tipos: reflexão, cuidado e explicação. Eles elucidaram que as intervenções reflexivas são aquelas em que o plantonista leva a pessoa atendida a reconstruir sua narrativa, reestruturando discontinuidades e incongruências de sua experiência. As intervenções de cuidado são as que afirmam o interesse genuíno do plantonista em ajudar e acolher o cliente, já as de explicação dizem respeito às orientações e informações sobre funcionamento de instituições, serviços, procedimentos, entre outros, fomentando autonomia e autocuidado. Esses três núcleos de sentido expressam a

ressonância dos pilares da psicologia humanista-fenomenológica na clínica do plantão.

Pimentel de-Medeiros *et al.*²⁴ propuseram um protocolo de atendimento para plantão psicológico baseado na terapia cognitivo-comportamental (TCC). Tal como têm se desenvolvido os estudos nessa abordagem, os autores buscaram estabelecer uma prática bastante estruturada, centrada no presente e com foco na brevidade. Esse protocolo, com duração média de trinta minutos, constitui-se de quatro fases: acolhimento (cinco minutos); escuta e intervenção (dez minutos); psicoeducação (dez minutos); e encerramento (cinco minutos). Dessa forma, nessa proposta, nota-se que foi possível imprimir no plantão as marcas de uma abordagem, dando-lhe uma forma muito específica, o que evidencia o caráter maleável desse dispositivo de escuta.

A concepção sartriana de homem como uma totalidade foi destacada em um dos trabalhos³¹. Essa totalidade se revela inteira em todos os gestos, expressões e inquietações do sujeito acolhido, de modo que, mesmo em atendimentos de curta duração, é possível depreender os sentidos que comunica. Nessa perspectiva, a queixa atendida não é percebida como um aspecto isolado da existência, mas como um fenômeno intrincado com o todo, o que implica dizer que, ao examinar essa queixa junto com o sujeito, o terapeuta pode não só auxiliá-lo a lidar com os impasses da situação, como também a obter uma maior compreensão de si mesmo e dos sentidos que atribui às suas vivências. Acerca disso, Cury³⁵ afirma que a eficácia do plantão psicológico não toma como critério o grau de resolutividade do problema, ou seja, não se sustenta sobre a solução da queixa em si, mas dirige-se à pessoa, compreendida como um todo em suas nuances de expressões, gestos, comportamentos e emoções.

Uma característica que esteve presente em todos os artigos deste eixo de significado foi a importância da relação no atendimento em plantão. Esses estudos trouxeram, a partir das especificidades do olhar das abordagens que os sustentam, a relação entre o indivíduo e o plantonista como o cerne do acolhimento, da promoção de bem-estar psicossocial e da produção de mudanças do sujeito em crise. Trata-se de uma relação de ajuda como preconizada pela ACP, que, ao considerar ajuda sinônimo de crescimento e desenvolvimento, compreende tal relação como aquela em que se ofertam as condições necessárias para que esse crescimento ocorra³⁶.

b) Plantão enquanto prática clínica na formação profissional em psicologia

O plantão psicológico enquanto prática clínica na formação em psicologia foi um segundo núcleo de sentido delineado. Os estudos de Braga *et al.*²⁵, Signorini, Ferretti e Silva¹⁸, Macêdo, Duarte e Nunes¹⁹, Nunes e Morato²⁰, Ortolan, Sei e Victrio²⁶ e Staliano *et al.*²⁷ explicitam a importância do plantão para a construção do olhar do psicólogo numa perspectiva de clínica ampliada, comprometida com a escuta da realidade dos sujeitos e pautada na ética do encontro. Tais estudos evidenciaram também como o aprendizado em plantão capacita para uma atuação política da psicologia, preocupada com as necessidades da comunidade e com as formas de democratização do acesso aos serviços clínico-psicológicos.

Braga *et al.*²⁵, num estudo com 48 diários de bordo, elaborados por estagiários do quarto e do quinto ano do curso de psicologia sobre a experiência no plantão psicológico nos hospitais gerais, concluíram que essa modalidade de atendimento propiciou aos estudantes ampliação dos modos de compreender a atenção em saúde. A facilitação do cuidado em saúde despertou, nos plantonistas em formação, uma percepção dos múltiplos aspectos que compõem esse cuidado. Ademais, os autores pontuaram que os estudantes puderam vivenciar a dimensão ético-política da psicologia, uma vez que o acesso ao cuidado em saúde e a promoção do autocuidado criam espaços que favorecem o conhecimento e a atuação em busca da garantia dos direitos de cidadania.

Sobre as práticas realizadas com foco na saúde pública durante a graduação em psicologia, constatou-se que a experiência em plantão psicológico é considerada de grande relevância para a formação do psicólogo e atuação desse profissional em saúde pública. A inclusão do plantão no projeto pedagógico do curso de psicologia passa também pela compreensão de que se trata de uma prática contemporânea que responde às demandas atuais de sofrimento¹⁸.

Macêdo, Duarte e Nunes¹⁹, ao investigarem a experiência de escuta clínica de estudantes nas modalidades de triagem e plantão psicológico, destacaram que a instituição de ensino deve oferecer uma integração consistente entre teoria e prática, visto que a desarticulação entre essas duas dimensões do processo de ensino-aprendizagem constituiu uma das dificuldades relatadas pelos estudantes no estudo. As autoras sinalizaram ainda que a inserção dos estudantes em práticas nos serviços-escola nos semestres mais iniciais do curso diminui a insegurança experienciada no estágio obrigatório do último ano e contribui para o desenvolvimento da escuta clínica.

Nunes e Morato²⁰ discutiram a experiência de quatro plantonistas em seu primeiro estágio de atendimento no projeto de plantão de uma clínica-escola universitária no terceiro semestre do curso. Eles concluíram que a prática em plantão no início do curso apresentou-se como “formar-ação”, propiciando aprendizagem pela experiência. No plantão, o atendimento do inesperado levou os estudantes a improvisarem, deixando emergir aquilo que os tocava e deslocando-se do raciocínio explicativo para uma expressão poética genuína. A vivência no plantão levou também a uma compreensão de

que cuidar, mais do que inclinar-se para, significa estar presente para deixar vir à tona o sofrimento e os desejos do sujeito.

Os relatos de experiência de Ortolan, Sei e Victrio²⁶ e de Staliano *et al.*²⁷ sobre projetos de extensão de plantão psicológico desenvolvidos em serviços-escola de psicologia apontaram a importância dessa modalidade de atenção para integração com a comunidade, situando a universidade em relação ao seu papel de prestação de serviços públicos, e não restrita ao lugar de produtora de conhecimento, e para a formação do psicólogo como agente social de mudança. Nesses trabalhos, a oferta do plantão também foi vista como possibilidade de articulação das instituições de ensino com as políticas públicas de saúde e assistência social, fortalecendo o trabalho em rede ao mesmo tempo em que prepara profissionais para uma atuação socialmente engajada.

A presença do plantão no processo formativo em psicologia, como foi vista nos artigos aqui analisados, mais do que possibilitar a compreensão da clínica para além da psicoterapia convencional, leva os atores psi a um encontro legítimo com o sujeito em angústia, convocando-os a propor e a exercer formas cuidadosas de abordar a subjetividade e o sofrimento dos pacientes.

c) Os sujeitos do plantão psicológico

Essa categoria temática inclui estudos^{21,22,28,32-34} que refletem acerca de quem são as pessoas atendidas e como foram as experiências nesse dispositivo de escuta. Tratam do plantão como uma importante prática de atenção às pessoas em situação de sofrimento/angústia.

Assim, Vieira²⁸, em um estudo sobre a oferta de escuta em plantão a sujeitos marginalizados, discutiu as estratégias clínicas para lidar com o sofrimento decorrente das desigualdades e da exclusão social. O plantão é explorado aqui em sua dimensão política, como espaço em que os sujeitos em sofrimento ético-político, que vivem a dor de serem

descreditados, tratados como se não tivessem valor ou utilidade, encontram acolhida. Para esses sujeitos, o afeto e o cuidado têm um sentido ainda maior. Ser escutado, perceber que suas experiências importam, contribuiu para um resgate da dignidade desses sujeitos e para que eles se percebessem ativos em suas histórias e potencialidades.

Em um estudo²¹ com pais e/ou cuidadores de crianças com autismo atendidas em plantão psicológico foi possível identificar, apesar das diferenças e singularidades de cada caso, características que os unem: o luto diante do diagnóstico, as dificuldades com os cuidados com as crianças e o isolamento social. No plantão, esses pais/cuidadores, que, por vezes implicados na rotina de cuidados com as crianças autistas, não conseguem voltar-se para si, puderam compartilhar suas experiências, sonhos, dificuldades do dia a dia, medos, visões de mundo, pedidos de ajuda e até mesmo a necessidade de “apenas” serem escutados.

Outro estudo³⁴ se debruçou sobre a caracterização de usuários e demandas de um serviço de plantão psicológico, aberto à comunidade, ofertado em um serviço-escola de uma universidade do interior do Paraná. Os resultados da pesquisa revelaram que o público atendido era predominantemente feminino e composto por adolescentes com idade entre 12 e 18 anos. O grupo etário de 40 a 65 anos foi o que menos buscou o serviço. Verificou-se a prevalência de conflitos familiares e de depressão, seguidos das queixas de ideação e/ou tentativa de suicídio e ansiedade.

Silva e Bini³³, por sua vez, buscaram analisar as percepções de plantonistas e agentes de uma delegacia de defesa da mulher acerca da violência de gênero e seus impactos psíquicos no cotidiano pessoal e de trabalho dessas mulheres. As autoras pontuaram que o plantão psicológico, nesse contexto, é um importante dispositivo no combate à violência contra a mulher e no desenho de novas políticas públicas. No entanto, as plantonistas são expostas a uma pesada carga emocional e não dispõem de suporte psicológico, tendo de desenvolver estratégias pessoais de enfrentamento.

A visão dos usuários sobre o plantão foi privilegiada em um estudo desenvolvido por Ortolan e Sei²², no qual se observou que o caráter emergencial e a necessidade de serem ouvidos foram fatores que levaram à busca de atendimento. Para esses usuários, o atendimento em plantão possibilitou um redimensionamento de suas queixas, fazendo-os percebê-las com uma magnitude menor ou a partir de outras perspectivas. Ao serem ouvidos (e ao se ouvirem) em suas angústias, os sujeitos conseguem caminhar em direção à elucidação dos fatores envolvidos na situação que os aflige, podendo assumir um papel mais ativo diante de suas vivências. No que se refere às expectativas do serviço, o estudo concluiu que eles desconheciam a proposta ofertada e esperavam por atendimento psicoterápico individual

semanal, todavia apontaram benefícios percebidos no plantão, como a abertura para acolhimento imediato e o alívio e bem-estar favorecidos pelo encontro com o plantonista, enfatizando a importância do espaço de escuta e de fala.

Para Pereira³², o sujeito do plantão é essencialmente o sujeito da pós-modernidade. Esse homem contemporâneo busca respostas imediatas para seu sofrimento, ao passo que precisa se satisfazer com os novos objetos oferecidos pela pós-modernidade. Trata-se de um sujeito que se defronta com uma relação conturbada com o tempo, o qual se impõe duramente e imprime urgências no viver e no sentir. Ao se colocar ali, acessível para quando esse sujeito necessita, o plantão se mostra capaz de aplacar os efeitos do mal-estar contemporâneo.

Inserção institucional do serviço de plantão psicológico

Neste momento, cabe analisar o local em que se deu a prática do plantão nas pesquisas (Figura 2), constatando-se uma predominância dos serviços-escola das universidades, que configurou o campo de estudo de 11 publicações^{17,19,20,22-24,26,27,29,30,34}. É importante esclarecer que, dentre os 19 estudos analisados, um³² não abarcou um local de prática em sua investigação, explorando o plantão sem distinção de um contexto específico. Assim, 61% das produções em que o lugar do plantão integrou o contorno do estudo, desenvolveram-se a partir dos serviços-escola. Os demais trabalhos indicaram genericamente a universidade, instituições de saúde, organizações não governamentais e a delegacia de defesa da mulher (Figura 2).

Figura 2 - Locais de prática do plantão nos estudos em que o lugar foi contemplado



Fonte: elaboração própria.

Esse achado revela a forte relação entre o plantão e os serviços-escola, o que remonta à sua origem, o SAP do IPUSP, e indica a compreensão da importância dessa modalidade clínica para a formação do psicólogo. Por outro lado, sugere também, quando correlacionado com a significativa incidência de relatos de experiências, que as produções sobre o plantão ainda se encontram em estágio inicial de conceituação, voltadas, sobretudo, para o conhecimento aplicado e concentradas nas *práxis* promovidas por instituições de ensino. Nesse sentido, Scorsolini-Comin⁸ chama a atenção para a vinculação dos atendimentos em plantão às situações de pesquisa e produção do conhecimento. Além disso, cabe ressaltar que, ao se pensar na relação entre plantão e universidade, os dados são ainda mais coesos, pois correspondem a 66% dos estudos que contemplam o lugar de oferta desse dispositivo de escuta. Consoante a isso, outro dado sobre a relação entre a produção de conhecimento acerca do plantão e a universidade precisa ser considerado: com exceção de um único artigo²¹, os estudos desenvolvidos a partir dos outros locais de prática (instituições de saúde, organizações não governamentais e delegacia de defesa da mulher) estavam indiretamente vinculados à instituição universitária. Esses estudos foram desdobramentos de atividades de extensão, estágio curricular ou grupo de pesquisa, realizadas para além dos muros da universidade.

CONCLUSÃO

A análise da literatura científica pesquisada neste estudo, mostra que o plantão tem percorrido múltiplas direções e recebido diversos aportes. Como um sistema aberto e dinâmico, mantém-se em constante interação com as necessidades das pessoas em seu tempo e lugar. Remetendo à sua origem vocabular – a palavra plantar –, Wood³⁷ nos diz que, assim como um espécime vegetal posto à terra, que encontra em seu solo nutrientes e deficiências, o plantão é um “organismo vivo” que segue crescendo e se desenvolvendo diante de circunstâncias facilitadoras e desafiadoras.

A oferta do plantão nos serviços-escola das universidades, onde a semente foi plantada e cultivada, representa um duplo efeito importante: abertura para atendimento das demandas da comunidade e contribuição para formação do psicólogo como agente social de mudança. Sua presença nos serviços universitários permite ampliar as perspectivas sobre o sofrimento humano e redimensionar o papel do psicólogo e seu campo de atuação, a partir de um olhar da clínica ampliada, na interface entre instituições e sociedade³⁸.

Nos artigos aqui avaliados, constatou-se que, no plantão, é o sujeito, não o problema, com suas experiências e os sentidos que atribui ao mundo, que é focalizado. O objetivo não é

resolver uma situação específica que se apresenta, mas facilitar que o indivíduo consiga, de forma mais integrada, lidar com a situação atual e com outras que venham a surgir, fomentando sua autonomia e respeitando seus recursos pessoais de enfrentamento.

Entretanto, é preciso cautela para não o tomar como uma solução para todos os males, aplicável indistintamente em quaisquer circunstâncias, especialmente diante das dificuldades de acesso aos serviços públicos de atenção à saúde mental e da complexidade que envolve a articulação de um trabalho em rede³⁵. O plantão, como toda e qualquer prática clínica, não consegue abarcar todas as possibilidades de atenção em saúde mental e não se propõe a ser uma alternativa à psicoterapia convencional. Além disso, é necessário lembrar que, como pontua Schmidt³⁹, sua total abertura para acolher o que chega implica um convite à criatividade nos modos de responder, a fim de se estabelecer um diálogo contínuo com as dimensões socioculturais que configuram sua prática.

LIMITAÇÃO DO ESTUDO

Como limitação deste estudo, tem-se a composição do *corpus* de análise apenas por publicações no formato de artigo. A continuidade deste estudo contemplará a busca em bases digitais especificamente voltadas para disponibilização de teses e dissertações, sempre na perspectiva de identificar possíveis convergências da produção científica brasileira sobre o tema com a literatura científica internacional.

REFERÊNCIAS

1. Rosenberg RL. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EPU; 1987.
2. Tassinari MA. A clínica da urgência psicológica: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos [tese]. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2003.
3. Rebouças MSS, Dutra E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Rev abordagem gestál.* 2010;16:19-28.
4. Tassinari MA, Durange, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. *Rev NUFEN.* 2011;3:41-64.
5. Palmieri TH, Cury VE. Plantão psicológico em hospital geral: um estudo fenomenológico. *Psicol reflex crít.* 2007;20:472-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300015>.

6. Figueiredo LCM. Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo/Petrópolis: EDUC/Vozes; 1995.
7. Souza BN de, Souza AM de. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. *Estudos de Psicologia*. 2011;28:241-9. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200011>.
8. Scorsolini-Comin F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF*. 2015;20:163-73. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200115>.
9. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. - São Paulo: Atlas; 2002.
10. Cervo AL, Bervian PA, Silva Rda. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2007.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2016.
12. Castro R. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? *Physis*. 2021;31. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310100>.
13. SEI, M. B. Currículo do sistema currículo Lattes [internet]. Brasília; 2022 dez [acesso em 2022 dez 26]. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>.
14. Brasil. MEC. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Qualis Periódicos. Plataforma Sucupira [internet]. [acesso em 2022 dez 05]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>.
15. Brasil. MEC. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Considerações sobre Qualis Periódicos: psicologia [internet]. [acesso em 2022 dez 06] 2016. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/Consideracoes_Qualis_Periodicos_Area_37_2016_08_08_PSICOLOGIA.pdf.
16. Vieira ÉD. Novas direções para o plantão psicológico: o psicodrama como referencial. *Rev Bras Psicodrama*. 2019;27(2):199-211. doi: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20190023>
17. Barbosa F, Casarini KA. Intervenções em plantão psicológico humanista-fenomenológico: pesquisa em serviço-escola. *Psicol Estud*. 2021;26. doi: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.46700>
18. Signorini T, Ferretti F, Silva MEK da. Práticas em psicologia na saúde pública: aproximando cenários e contextos. *Psicol Ciênc Prof*. 2021;41(spe2):2021. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003194293>.
19. Macêdo S, Nunes ALP, Duarte MVG. Escuta clínica, triagem e plantão psicológico em um serviço-escola pernambucano. *Psicol Ciênc Prof*. 2021;41. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003219706>
20. Nunes AP, Morato HTP. O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico. *Rev abordagem gestalt*. 2020;26:2-12. doi:

<https://doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.1>.

21. Nobre DdaS, Souza AMde. Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. *Rev Baiana Enferm.* 2018;32. doi: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.22706>
22. Ortolan ML, Sei MB. Avaliação do plantão psicológico de um serviço-escola de psicologia. *Interação Psicol.* 2019;23(2). doi: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v23i02.56248>
23. Soares LLM. Plantão psicológico gestáltico - a escrita de uma experiência. *Estud Pesqui psicol.* 2019;19(4):997-1017. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.49298>
24. Pimentel-de-Medeiros AGA, Vieira OAG, Beraldo EMM, Chaves-dos-Santos FL, Silveira EG, de-Lima-Filho LE, *et al.* Plantão psicológico cognitivo-comportamental na pandemia da CoViD-19. *Rev Bras Ter Cogn.* 2021;17(1):58-65. doi: <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20210008>.
25. Braga TBM, Farinha MG, Souza Filho C, Oliveira K. Experiências de estagiários em plantão psicológico em hospitais: formação e ação clínica. *Rev SPAGESP.* 2019;20:99-112.
26. Ortolan MLM, Sei MB, Victrio KC. Serviço-escola de psicologia e potencialidades dos projetos de extensão: construção de políticas públicas em saúde mental. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais.* 2018;5:78-85. doi: <https://doi.org/10.14210/rbts.v5n1.p78-85>
27. Staliano P, Silveira MA, Vanz S, Navarro BF. Plantão psicológico na clínica-escola de psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. *RealizAção.* 2017;4(80):33-45. doi: <https://doi.org/10.30612/re-ufgd.v4i8.7183>.
28. Vieira ÉD. A escuta do sofrimento de sujeitos marginalizados através do plantão psicológico: relato de experiência. *Itinerarius Reflectionis.* 2019;15:01-20. doi: <https://doi.org/10.5216/rir.v15i1.53968>
29. Daher ACB, Ortolan MLM, Sei MB, Victrio KC. Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. *Semina: Ciênc Soc Hum.* 2017;38(2):147-58 doi: [10.5433/1679-0383.2017v38n2p147](https://doi.org/10.5433/1679-0383.2017v38n2p147)
30. Ortolan MLM, Sei MB, Bezerra PV, Victrio KC. Possibilidade da psicanálise no serviço de plantão psicológico: um lugar de retificação subjetiva. *Stylus (Rio de J.).* 2020 jul;39:47-158. 2020. doi: <https://doi.org/10.31683/stylus.vi39.440>
31. Leão-Machado FC, Vaccaro MM, Freitas, SMP de. Atendimentos psicológicos breves em instituições públicas de saúde: contribuições do existencialismo sartriano. *Psicol Ciênc Prof [online].* 2021;41:spe4. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003211479>.
32. Pereira FMA maleabilidade do plantão psicológico nos contextos de atuação: uma medida preventiva à pós-modernidade. *Revista Mundi Sociais e Humanidades.* 2019 jan-jul;4:48. doi: <http://dx.doi.org/10.21575/25254774rmsh2019vol4n1806>
33. Silva AMB da, Bini MCN e. Percepções sobre o plantão psicológico em uma Delegacia de Defesa da Mulher. *Psicol USP.* 2021;32. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200201>

34. Risczik JA, Strassburg SCB, Fernandes AV. Reflexões sobre o plantão de atendimento psicológico a partir da caracterização de usuários/as e demandas. *Revista Em Extensão*. 2020;18(2):03-18. doi: <https://doi.org/10.14393/REE-v18n22019-48365>
35. Cury VE. Plantão Psicológico em clínica-escola. *In: Mahfoud M, organizador. Plantão psicológico: novos horizontes*. 2 ed. São Paulo: Companhia Ilimitada; 2012. p.131-145.
36. Morato HTP. Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda? *In: Rosenberg RL. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: EPU; 1987. p. 24-44.
37. Wood JK. Prefácio. *In: Mahfoud M, organizador. Plantão psicológico: novos horizontes*. 2 ed. São Paulo: Companhia Ilimitada; 2012. p. 9-11.
38. Morato HTP. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios. Casa do Psicólogo; 1999.
39. Schmidt MLS. Aconselhamentopsicológico e instituição: algumas considerações sobre o serviço de aconselhamento psicológico no IPUSP. *In: Morato HTP. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. Casa do Psicólogo; 1999. p. 91-106

ARTIGO II

PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM RETRATO DA SUA OFERTA NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS FEDERAIS BRASILEIRAS

PSYCHOLOGICAL DUTY: A PORTRAIT OF ITS OFFER AT BRAZILIAN FEDERAL PUBLIC UNIVERSITIES

Juliana Sapucaia de Freitas⁴, Maria Constantina Caputo⁵ e Carmen Fontes Teixeira⁶

Resumo

O plantão psicológico é uma modalidade de atendimento clínico-psicológico que nasceu no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1969. Mais de cinco décadas após o seu surgimento, essa prática de atenção clínica ainda mantém uma estreita relação com as universidades, constituindo um espaço de prestação de serviços e formação de profissionais comprometidos ética e socialmente com sujeitos em situação de sofrimento, contribuindo para a discussão sobre políticas públicas em saúde mental. O objetivo deste trabalho é caracterizar a prática do plantão psicológico nas universidades públicas federais brasileiras no período 2015 a 2019. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de abordagem quali-quantitativa realizado a partir da aplicação de um questionário *on-line* aos coordenadores desses serviços, utilizando a plataforma *SurveyMonkey*®. Os resultados evidenciam um expressivo aumento da implantação dessa atenção clínica, principalmente a partir de 2010, viabilizado pelo protagonismo das coordenadoras dos serviços, em resposta ao aumento da demanda, em especial dos discentes, sendo as mais comuns questões acadêmicas, conflitos familiares, crises de ansiedade, sentimento de tristeza, relacionamentos interpessoais e ideação suicida. Prevalência de atendimento diário, com grande participação de estagiários/extensionistas como plantonistas, utilização da psicanálise e terapia cognitivo-comportamental, encaminhamento dos casos de maior gravidade ou que ensejem intervenções em outras especialidades e vinculação com a assistência estudantil. Conclui-se que o plantão psicológico nas universidades é um importante dispositivo de cuidado que, integrado à assistência estudantil, fortalece ações e políticas de permanência dos estudantes. Entretanto, não pode responder a todas as questões em saúde mental que emergem no âmbito das instituições universitárias, sendo necessário aliar esse atendimento aos serviços que compõem o Sistema Único de Saúde (SUS), seja em articulação direta com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) ou através da Atenção Primária à Saúde (APS), bem como aos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Palavras-chave: Plantão psicológico; Universidade; Assistência estudantil; Urgência psicológica.

⁴ Psicóloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade na Universidade Federal da Bahia (PPGEISU/UFBA)

⁵ Médica e psicóloga, doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC-UFBA) e docente do PPGEISU/UFBA

⁶ Médica, doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora (aposentada) do IHAC/UFBA e docente do PPGEISU/UFBA

Abstract

Psychological duty (on-call) is a type of clinical-psychological care that was born at the Psychology Institute of the University of São Paulo (IPUSP) in 1969. More than five decades after its emergence, this clinical care practice still maintains a close relationship with the universities, constituting a space for providing services and training professionals who are ethically and socially committed to individuals in situations of suffering, contributing to the discussion on public policies in mental health. The objective of this work is to characterize the practice of psychological duty in Brazilian federal public universities from 2015 to 2019. This is a descriptive-exploratory study with a qualitative and quantitative approach carried out through the application of an online questionnaire to the coordinators of these services, using the SurveyMonkey® platform. The results show a significant increase in the implementation of this clinical care, mainly from 2010 onwards, made possible by the leading role of service coordinators in response to the increase in demand, especially from students, the most common being academic issues, family conflicts, anxiety crisis, feelings of sadness, interpersonal relationships and suicidal ideation. Prevalence of daily care, with a large participation of interns/extension specialists as on-call staff, use of psychoanalysis and cognitive-behavioral therapy, referral of more serious cases or those that require interventions in other specialties and links with student assistance. It is concluded that psychological support at universities is an important care device that, integrated with student assistance, strengthens actions and policies for student retention. However, this service cannot respond to all mental health issues that arise within university institutions, making it necessary to combine the care offered with the services that make up the Unified Health System (SUS), whether in direct coordination with the Psychosocial Care Network (RAPS) or through Primary Health Care (APS), as well as the Unified Social Assistance System (SUAS).

Keywords: Psychological Duty; University; Student Assistance; Psychological Emergency

INTRODUÇÃO

A relação do plantão psicológico com a universidade remonta ao seu surgimento no Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) no final da década de 1960. Mais de 50 anos depois, essa relação ainda se mantém forte, constituindo-se uma modalidade de atenção clínica presente em grande parte das universidades (Rosenberg, 1987; Morato, 1999; Medeiros *et al.*, 2022).

A criação do SAP, no ano de 1969, representava, além de um contraponto às práticas clínicas vigentes, pautadas na rigidez do psicodiagnóstico e na intervenção terapêutica sobre patologias, a assunção de um compromisso com uma psicologia preocupada com a realidade da população, a qual, no contexto do regime político autoritário em vigor, clamava por espaços de diálogos e respeito às liberdades individuais e coletivas (Rosenberg, 1987; Morato, 1999; Schmidt, 1999).

O SAP se propunha a atender as pessoas sem se preocupar em classificá-las, buscando ofertar serviços que pudessem acolhê-las em suas experiências a partir da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers. Para Schmidt (1999, p. 99), o SAP é concebido como um “*campo de invenções de práticas*” que mantém o olhar voltado para as necessidades da comunidade.

É também nesse cenário, ainda no difícil ano de 1969, que o plantão desponta: diante do crescimento da procura, a equipe do SAP, então coordenada pelo professor Oswaldo de Barros Santos, com apoio da professora Rachel Lea Rosenberg, decide preparar os estudantes para assumirem um plantão de atendimento. Têm-se aqui as raízes do plantão psicológico, as quais Rosenberg (1987, p. 6) descreve como atendimentos iniciais para acesso aos serviços, realizados em horários pré-fixados, nos quais os estudantes recebiam e ouviam as pessoas que chegavam, “*buscando aliviar a sua angústia ou ansiedade imediata e provendo um acolhimento respeitoso e empático*”. Tais atendimentos, além da aprendizagem significativa propiciada aos estagiários, possibilitavam responder ao sujeito no momento próximo ao da busca por ajuda, quando se encontrava mais aberto à (re)elaboração e mudança.

Na primeira conceituação formal sobre o plantão, Mahfoud (1987) parte da crítica às práticas públicas de atenção psicológica, considerando que os desconfortos e inquietações circunstanciais, gerados perante situações específicas ou momentâneas, historicamente ocupam um não-lugar nestas práticas, seja em virtude da escassez de recursos para assistência em saúde mental no Brasil, que induz a que os casos sejam categorizados por gravidade, oportunizando atendimento aos que são classificados como prioritários, ou porque a formação profissional, voltada para um atendimento sistemático e continuado, não possibilite vislumbrar dispositivos que respondam ao sujeito em sua situação imediata. Em contraposição a isso, o autor sinaliza a existência de um tripé que fundamenta a prática clínica no plantão psicológico: da perspectiva do plantonista, requer disponibilidade para defrontar-se com o inesperado e para a possibilidade de o encontro ser único; da instituição, requer sistematicidade para oferta regular do serviço; e, para o usuário, constitui-se um lugar de referência com o qual poderá contar diante de uma necessidade. Desse modo, Mahfoud (2013) afirma que o plantão permite tornar a demanda espontaneamente trazida pelo sujeito um momento privilegiado de exploração e elaboração de experiências, ao invés de tratá-la como uma etapa preliminar à psicoterapia.

Nessa perspectiva define-se o plantão psicológico como uma modalidade de atendimento clínico-psicológico do tipo emergencial, aberta à comunidade, na qual o psicólogo se dispõe a estar num local durante períodos previamente determinados e ininterruptos para receber quem o procura, acolhendo e favorecendo para que esse sujeito tenha uma melhor compreensão de si, do seu sofrimento e dos recursos de que dispõe para enfrentamento (Tassinari, 2003; Cury, 2012). No plantão não há necessidade de agendamento, triagem e encaminhamentos prévios (Borges; Brito; Dantas, 2017). Usualmente o atendimento se completa num único encontro, mas há a possibilidade de um ou mais retornos a depender

do caso e das normas próprias de funcionamento do serviço em que está inserido (Tassinari, 2003). Os casos que ensejam acompanhamento prolongado ou em outras especialidades podem ser encaminhados para serviços internos e/ou externos à instituição, a depender da assistência que essa, em seus limites e possibilidades, consiga viabilizar, o que chama a atenção para necessidade de estabelecimento de um trabalho em rede.

Na ACP considera-se que um pequeno número de encontros com o conselheiro, ou mesmo um único encontro, tem função terapêutica e pode ser o bastante para que o cliente possa se organizar internamente e seguir sem ajuda. Para que isso aconteça, é necessário que o conselheiro atue de forma a facilitar o desenvolvimento das potencialidades do cliente, o que inclui a oferta de uma presença empática, genuína, aceitadora e livre de julgamentos (Schmidt, 1987), entendimento que alicerça a concepção e o desenvolvimento da clínica do plantão.

A produção científica acerca do tema aponta que a maior parte das pesquisas se origina de práticas em serviços-escola e universidades (Scorsolini-Comin, 2015; Freitas; Caputo; Teixeira, 2023). Esse dado estabelece uma interface entre o plantão e a construção de um percurso formativo em psicologia que considera práticas clínicas para além do modelo convencional de consultório particular, aproximando-se de um modelo comunitário e de clínica ampliada (Brasil, 2003; Estelitta-Lins, 2009). Também se identificam pesquisas frutos de atividades de extensão, programas de estágio ou grupos de estudos que visam ofertar o atendimento em plantão extramuros universitários (Freitas; Caputo; Teixeira, 2023), o que evidencia o papel das universidades na democratização do acesso a serviços psicológicos e no estabelecimento de articulações com a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e com políticas públicas em saúde mental.

Nas universidades públicas, o plantão tem sido compreendido ainda como um importante aliado das políticas e ações orientadas à permanência estudantil, sendo a atenção à saúde mental dos estudantes mais ofertada por essas instituições (Medeiros *et al.*, 2022), o que representa uma diversificação das formas de cuidado clínico-psicológico nas universidades, tradicionalmente exercido através da psicoterapia convencional, possibilitando o alcance de diferentes demandas (Pan; Zonta; Tovar, 2015).

Em que pese o fato de a universidade ser um campo fértil para o desenvolvimento e produção científica sobre o plantão, as pesquisas, de modo geral, não têm acompanhado os aportes derivados dessa prática. Trata-se de um conhecimento essencialmente aplicado, em que mesmo seu ensino e disseminação nessas instituições, em grande medida, têm se dado de forma vivencial (Scorsolini-Comin, 2015). Tal cenário indica a necessidade de se traçar um

panorama dessa prática nas instituições universitárias, de forma a compreender em profundidade essa relação tão solidamente estabelecida.

Objetivou-se, assim, nesta pesquisa, caracterizar o plantão psicológico nas universidades públicas federais brasileiras entre o período de 2015 e 2019. Para tanto, o caminho percorrido passou pela descrição do funcionamento do plantão nessas instituições, do perfil dos seus usuários e do seu alcance na comunidade universitária, bem como pela identificação das demandas mais comuns desse serviço e das situações que ensejam encaminhamento, estabelecendo uma análise em estreita articulação com a literatura sobre o tema.

METODOLOGIA

O presente artigo é fruto de uma pesquisa descritivo-exploratória que tomou como ponto de partida a seguinte questão: “Quais as características do plantão psicológico nas universidades públicas federais brasileiras no período de 2015 a 2019?”.

A definição do período do estudo levou em consideração dois fatores: o início da pandemia do Covid-19 no ano de 2020 (Castro, 2021), que, por se tratar de uma situação excepcional de intenso sofrimento para a população, poderia produzir alterações sensíveis nos dados da pesquisa relacionados à urgência emocional; e a profundidade do estudo, ponderando-se que uma investigação de um período superior a cinco anos não seria viável ou não permitiria o exame de todos os elementos pretendidos, o que levou a fixação do início da investigação no ano de 2015.

Das 69 universidades públicas federais existentes no país, 45 ofertaram o plantão psicológico entre o período de 2015 e 2019, tendo sido incluídas no estudo, independentemente da designação dada pelas instituições a esse serviço, a partir da conceituação aqui delineada. A distribuição geográfica destas universidades pode ser observada na Tabela 1. Todas essas informações foram obtidas através de consulta direta às instituições, por meio do Sistema Eletrônico de Informação ao Cidadão (e-SIC)⁷, que compõe a Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à Informação da Controladoria-Geral da União, e de busca ativa nos sites de todas as universidades.

⁷ No e-SIC é possível redigir um texto para solicitação da informação desejada e direcionar para as respectivas instituições. Neste caso fora enviado para todas as universidades federais um texto com a conceituação do plantão psicológico, seguido do questionamento acerca da oferta desse serviço pela instituição e do pedido de contato da coordenação.

Tabela 1 - Distribuição de universidades ofertantes por região do país

REGIÃO	Nº	%
Nordeste	15	33,33
Sudeste	12	26,67
Sul	7	15,56
Centro-Oeste	6	13,33
Norte	5	11,11
TOTAL	45	100

Fonte: elaboração própria.

A produção de dados foi feita a partir da aplicação de um questionário composto por 40 perguntas (abertas, fechadas e mistas), contemplando, além das características dos profissionais responsáveis pela coordenação do serviço, três blocos temáticos: caracterização do serviço, caracterização dos usuários do serviço e identificação das demandas, manejos e encaminhamentos. O questionário foi disponibilizado em uma plataforma de pesquisa on-line, o *SurveyMonkey*®, e o link para acessá-lo foi enviado aos participantes por e-mail. Cabe destacar que, como algumas das universidades possuíam mais de um serviço de plantão psicológico, com coordenação, equipe e público-alvo próprios, vinculados a unidades ou núcleos administrativos/acadêmicos diferentes e, em alguns casos ainda, ofertados em cidades diferentes – como no caso das universidades com campi em mais de um município –, o questionário foi enviado para o coordenador de cada um desses serviços.

Obteve-se um total de 20 questionários completos e 3 incompletos, possibilitando retratar 23 serviços de plantão psicológico de 20 universidades, porquanto duas dessas universidades participaram do estudo com mais de um serviço. Os dados obtidos foram importados da plataforma de questionário para os programas *Microsoft Excel* e *Microsoft Word* e analisados conforme indicações de Bardin (2016). Assim, iniciou-se pela pré-análise, seguida da exploração do material, que culminou com a organização dos resultados em quatro tópicos: panorama geral dos serviços; perfil das coordenadoras; sujeitos, demandas e possibilidades; e plantão na assistência estudantil, e, por fim, realizou-se o tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Esta pesquisa foi realizada em conformidade com o disposto nas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), CAAE nº 52947321.0.0000.5686, Parecer nº 5.388.849.

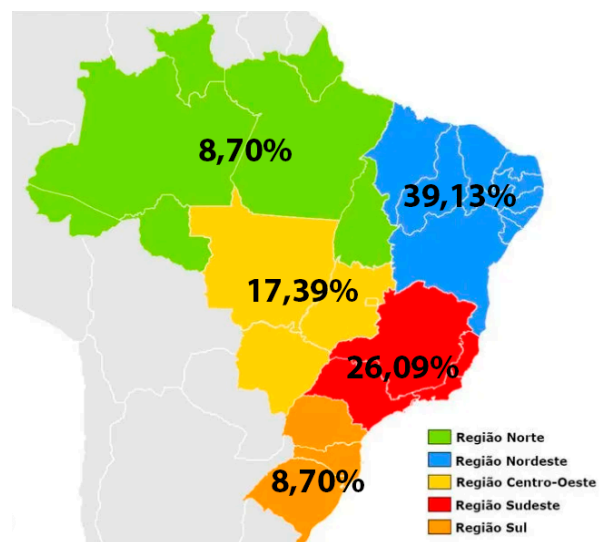
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Panorama geral dos serviços

a) Região e processo de implantação

A distribuição geográfica dos 23 serviços participantes (Figura 1) mostra que a maior adesão a este estudo ocorreu por instituições situadas na Região Nordeste, responsáveis por ofertar 39,13% (9) dos plantões investigados, seguida da Região Sudeste, com 26,09% (6). Essa distribuição parece refletir a distribuição do universo total da pesquisa (Tabela 1), caracterizado pelo predomínio da oferta do plantão por universidades da Região Nordeste (33,33%) e Sudeste (26,67%).

Figura 1 – Distribuição geográfica dos serviços participantes



Fonte: elaboração própria.

O ano de implantação do plantão nessas instituições universitárias mostrou-se um dado bastante expressivo: 95,65% foram instituídos após o ano de 2010 e, mais especificamente, 30,43% em 2019 (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos serviços por ano de implantação

ANO DE IMPLANTAÇÃO	Nº	%
1995	1	4,35
2010	2	8,70
2011	1	4,35

2014	2	8,70
2015	3	13,04
2016	3	13,04
2017	2	8,70
2018	2	8,70
2019	7	30,43
TOTAL	23	100

Fonte: elaboração própria.

Tal achado sinaliza que a expansão dos plantões pode estar relacionada com o aumento dos problemas e necessidades na área de saúde mental, o que é corroborado pelos estudos de Rebouças e Dutra (2010), Tassinari e Durange (2011) e Pereira (2019), que evidenciam o crescimento dessa demanda por conta de fenômenos da sociabilidade contemporânea, como individualismo e apatia social, os quais são sentidos de diferentes formas pelos sujeitos, que encontram nesse espaço a possibilidade de expressar e reconhecer desconfortos e angústias cotidianas.

De fato, a análise das respostas das participantes⁸ da pesquisa apontou três fatores que podem explicar a expansão desses serviços (Tabela 3). Em primeiro lugar, a alta demanda por atendimento psicológico, especialmente dos estudantes, e longa fila de espera para psicoterapia convencional. Também é mencionado o fato de o serviço atender urgências e constituir um espaço de escuta e cuidado às situações que irrompem no cotidiano da vida universitária.

Tabela 3 – Distribuição dos serviços por fatores de implantação

Fatores de Implantação	N	%
Alta demanda/fila de espera	14	60,87
Cuidado e escuta sobre/na universidade	3	13,04
Atendimento de Urgências	6	26,09
TOTAL	23	100

Fonte: elaboração própria.

A alta demanda e longa fila de espera para psicoterapia convencional (60,87%) impactam diretamente no terceiro fator apresentado na Tabela 3: o atendimento do sujeito que

⁸ Optou-se pelo uso do feminino nas menções devido à maior participação de mulheres na coordenação dos serviços, como será visto adiante. Ademais, a fim de preservar o anonimato das participantes, a referência às coordenadoras segue a numeração atribuída pela plataforma *SurveyMonkey*® a cada questionário.

vivencia uma angústia premente (26,09%), visto que ele, desse modo, não será alcançado no caráter emergencial do seu sofrimento. Notou-se que a busca por estar presente, o mais breve possível, no momento do sujeito, em seu tempo e quando do surgimento de suas questões é um ponto que subsidia esses dois fatores citados e que, juntos, constituem a motivação para implantação do plantão em 86,96% dos serviços. Trata-se de um empenho para diminuir a distância temporal entre a procura e a oferta de atenção psicológica nas universidades. Essa distância é, entre outros fatores, instaurada pela própria estruturação dos atendimentos em psicologia nessas instituições, tradicionalmente pautados no acompanhamento individual sistemático de longo prazo, o qual costuma, ainda, ser precedido por extensos trâmites administrativos e burocráticos. Isso desvela uma conjuntura importante: os dilemas cotidianos impostos ao exercício da psicologia nas instituições públicas de ensino superior têm requisitado que se pense o suporte clínico para além do seu formato convencional.

Sobre isso, Tassinari e Durange (2019) esclarecem que o sujeito que sente um desconforto emocional, de qualquer magnitude, tem o seu centro de poder deslocado, o que pode afetar a qualidade das suas relações e das suas vivências e constituir uma urgência psicológica. Para os autores, situações como essa, na maioria das vezes, não necessitam de um acompanhamento psicológico prolongado, todavia demandam, quando da sua ocorrência, uma escuta ativa qualificada, capaz de facilitar para que esse sujeito em crise possa compreender melhor suas experiências e se posicionar diante delas. Ademais, ser atendido no momento de sua necessidade, por sua própria iniciativa, valoriza o movimento de busca por ajuda psicológica, fomentando o autocuidado (Tassinari, 2003). O desafio perene do plantão psicológico, então, reside em estruturar-se a serviço do “*movimento da pessoa em ato*”, priorizando, assim, o estar no presente, em detrimento de um esquema funcional que, ao operar por meio de inscrições, filas, triagens, contratos etc., dirige-se para o futuro (Mahfoud, 2013, p. 35).

Ao propor o plantão como possibilidade de um espaço de cuidado e escuta sobre/na universidade (13,04%), nota-se uma prática que adota a perspectiva de clínica ampliada, atenta aos aspectos psicosocioculturais que permeiam a realidade do sujeito. Depreende-se também que ter o plantão como esse espaço permite compreender demandas de ordem coletiva, as quais podem ser tratadas institucionalmente com intervenções/ações específicas. Aqui o plantão estreita a relação entre a universidade e sua comunidade, propondo uma escuta ativa e um diálogo mais próximo, o que confirma o que Palmieri e Cury (2007) e Tassinari (2003) asseveram: o plantão é uma modalidade que, ao oferecer cuidado para as questões que

afetam o sujeito em seu cotidiano, traz em si uma concepção abrangente de saúde e um compromisso com a sua promoção.

Observou-se, nos relatos, que o protagonismo das que propuseram o plantão à instituição teve papel decisivo na sua implantação, persistindo na busca por soluções, no provimento de recursos, na reestruturação da proposta diante do surgimento de entraves, na procura por parcerias e na consideração de alternativas que contemplassem adequadamente as necessidades da coletividade. Como afirmam algumas das coordenadoras entrevistadas:

[...] Importante frisar que, à época, não havia sequer o serviço-escola em funcionamento, de modo que utilizávamos salas de aula pequenas e o espaço de um laboratório de avaliação psicológica para realizarmos os atendimentos [...] (C2)

Precisamos destacar que somos psicólogos vinculados à assistência estudantil e lotados como psicólogos sociais e comunitários. Assim, o foco das práticas psicológicas não são os atendimentos individuais e nem de cunho clínico. Contudo, dentro da universidade não existe nenhum outro Serviço de Psicologia voltado exclusivamente para estudantes (C11)

Os fatores determinantes foram, por ordem: equipe preparada e comprometida; e parcerias institucionais (C4).

Em muitos casos, as experiências anteriores dessas profissionais com o plantão ou os estudos a respeito do tema as fizeram confiantes do potencial dessa modalidade na atenção à saúde mental da comunidade, como expressam os trechos abaixo:

No plano, eu previa a criação de um serviço de plantão psicológico, por ter familiaridade com o tipo de atendimento e por considerá-lo uma excelente estratégia de clínica ampliada (C2);

A partir do mestrado tive a oportunidade de ter mais contato com a proposta do plantão psicológico e, diante dos desafios impostos pelo contexto institucional, como grande número de demanda, optamos por implantar o plantão psicológico (C5).

b) Composição da equipe e abordagens

Os serviços contam, em sua maioria, conforme exposto na Tabela 4, com uma equipe composta por até 10 plantonistas (69,56%), incluindo os estudantes, visto que eles atuam como plantonistas sob supervisão. Assim, a presença de estudantes na composição da equipe - na condição de estagiários e/ou extensionistas, a depender da natureza do vínculo com a atividade/projeto em que o atendimento em plantão é disponibilizado - mostrou-se importante para o seu pleno funcionamento.

Contudo a participação de estudantes como plantonistas, ainda que ocorra na maior parte dos serviços, apresenta-se numericamente tímida, uma vez que somente 30,44% (7) dos serviços contam com mais de dez plantonistas. Esse achado pode ser justificado por questões referentes à infraestrutura e recursos, como estágio/extensão com um número reduzido de

vagas, falta de salas disponíveis/adequadas para realização dos atendimentos com a necessária privacidade e poucos profissionais para realizar a supervisão dos estudantes.

Tabela 4 – Número de plantonistas por serviço

Número de Plantonistas na Equipe	Quantitativo de Serviços	
	N	%
1-10	16	69,56
11-20	5	21,74
21-30	1	4,35
31-40	0	0
41-50	1	4,35
TOTAL	23	100

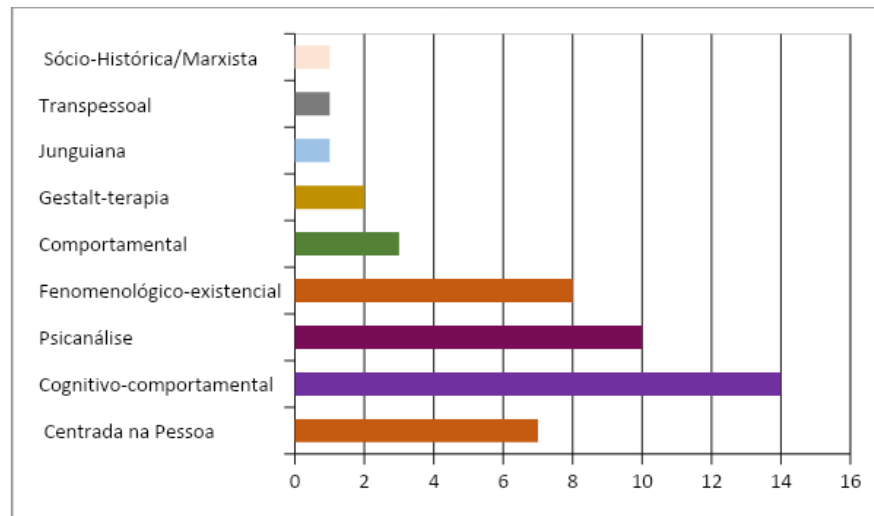
Fonte: elaboração própria.

Certamente ofertar um serviço clínico que consiga (co)responder ao sujeito no momento da sua busca, requer a presença de atores *psi* em um número significativo, especialmente ao se ponderar a extensão e diversidade da comunidade universitária e seu entorno, o que torna necessária a participação de estudantes. Essa também foi a conclusão de Schmidt (1999), ao enfatizar que, para além da contribuição do plantão psicológico na formação em psicologia, a presença dos estudantes nesses serviços é o que viabiliza atender a todos que chegam sem descaracterizar a essência dessa prática clínica: o manter-se de prontidão para receber o sujeito no aqui e agora que o mobiliza.

O vínculo da atuação como plantonista à prática discente remete ao próprio surgimento do plantão, quando se buscou preparar os estudantes para oferecer um acolhimento respeitoso e empático àqueles que buscavam o SAP da USP. À época foi a presença desses estudantes que permitiu dar contornos específicos a essa modalidade de atendimento, dado que a recepção diferenciada que eles proporcionavam mostrou-se significativa para o sujeito em sofrimento.

No que tange às abordagens teórico-práticas adotadas, 82,61% (19) dos serviços não faziam restrição a um referencial específico para atuação no plantão, permanecendo abertos para a orientação com a qual trabalhavam os plantonistas. Desse modo, mais de uma abordagem esteve presente na maior parte dos serviços, motivo pelo qual a soma das suas frequências (Figura 2) é superior ao total de serviços participantes. Os serviços que estabeleciam uma abordagem específica o faziam a partir do referencial da coordenadora, conformando um trabalho com o qual essa profissional tivesse familiaridade e domínio técnico, consoante a sua concepção de ser no mundo.

Figura 2 – Frequência absoluta das abordagens clínicas de referência dos plantonistas



Fonte: elaboração própria.

Logo, constatou-se que as abordagens teórico-práticas mais frequentes nos serviços foram a cognitivo-comportamental (14), seguida da psicanálise (10), fenomenológico-existencial (8) e centrada na pessoa (7). Esses dados indicam um movimento que, tendo a prática como ponto de partida, tem fortalecido intervenções e interlocuções que transcendem as bases teóricas sobre as quais o plantão se edificou, haja vista que sua origem e desenvolvimento se estruturaram em torno das Abordagens Centrada na Pessoa e Fenomenológico-existencial, as quais, segundo Souza e Souza (2011) e Scorsolini-Comin (2015), predominam na literatura sobre o tema.

As respostas referentes às características da postura clínica do psicólogo plantonista foram classificadas em três grupos, utilizando-se as respostas das coordenadoras a essa questão (Tabela 5). Assim, foi possível identificar as “atitudes facilitadoras propostas por Carl Rogers” (1951), a saber, “*consideração positiva incondicional, empatia e congruência*” (C2), a “*abertura à experiência, disponibilidade irrestrita ao inesperado*” (C4) e a compreensão acerca do referencial de “clínica ampliada e da rede de apoio disponível”, isto é, o “*diálogo com os objetivos do Plano Nacional de Assistência Estudantil*” (C11), compreendendo a “*saúde mental para além de um modelo biomédico*”, levando em consideração “*outros aspectos que atravessam a saúde mental no contexto universitário*” (C11) e mantendo o “*comprometimento profissional ético, conhecimento do território, serviços e membros chave da comunidade*” (C20).

Tabela 5 – Distribuição das características clínicas esperadas do plantonista por serviço

Características Clínicas	N	%
Atitudes facilitadoras Carl Rogers	2	10
Abertura para lidar com o inesperado	6	30
Clínica ampliada/rede de apoio	12	60
TOTAL	20	100

Fonte: elaboração própria.

Observou-se a compreensão sobre clínica ampliada e conhecimento da rede de apoio disponível como características essenciais ao plantonista, o que pode estar conectado ao fato de o plantão visar a atenção ao sujeito, considerando o que ele traz como desconforto e suas singularidades constitutivas, como enfatiza uma das entrevistadas ao pontuar a necessidade de *“Passar segurança e ser referência para o estudante, mostrando que toda questão pode ter diversas soluções e mesmo que o caso não seja para o psicólogo atender, o estudante não está sozinho, ele tem o serviço como referência e suporte”* (C19).

A relação entre o plantão psicológico e a clínica ampliada já foi objeto de estudo de Amorim, Andrade e Branco (2015) que a investigaram na atenção básica em saúde. Esses autores concluíram que o plantão psicológico possibilita uma ampliação do acesso da comunidade aos serviços em psicologia na atenção básica, aumentando a resolutividade dos casos e contribuindo para a integralidade da atenção, o que, por sua vez, colabora para a materialização dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 1990).

c) Funcionamento, formatos de atendimentos e divulgação

Em relação aos dias e períodos de funcionamento dos plantões, houve oferta diária de atendimento em 39,13% (9) dos serviços, disponibilizado de segunda a sexta-feira. Dentre esses serviços, seis deles disponibilizavam dois turnos de atendimento por dia, o que corresponde a 26,09% do total investigado. Apenas um serviço ofertava atendimento em um dia da semana em um único turno.

É importante reafirmar quão desafiadora é a proposta de um serviço de plantão dentro de uma instituição universitária, principalmente com oferta de atendimento todos os dias da semana, visto que nas universidades não se dispõe de um amplo corpo técnico de psicólogos – e a esses profissionais cabe ainda uma gama de atividades institucionais – e o próprio processo de implantação dessa modalidade clínica, como visto, é atravessado por dificuldades de ordem estruturais e operacionais. De fato, a disponibilidade para acolher a demanda faz do plantão uma clínica do inusitado, que convoca as universidades a um constante movimento de visitar a si, a comunidade e as ações públicas em saúde mental (Schmidt, 1999, 2004),

movimento que converge com o compromisso dessas instituições com a sociedade: o de (co)operação para o seu desenvolvimento.

Todos os serviços realizavam atendimentos individuais, 13,04% (3) atendiam também famílias e 8,70% (2) casais. A possibilidade de retorno (Tabela 6), constitui uma característica de 86,96% (20) dos plantões, sendo de 1 a 3 o número de encontros conseguintes na maior parte deles (47,83%), possibilitando acordos que consideram os recursos e limitações das instituições ofertantes, embora cada caso exija a criação de estratégias específicas, que incluem desde o processo de sensibilização da comunidade até a relação com a própria instituição (Tassinari, 2003).

Tabela 6 – Número de retornos possíveis por serviço

Número de Retornos	Quantitativo de Serviços	
	N	%
1-3	11	47,83
4-6	5	21,74
7-9	2	8,70
Encontro único	3	13,04
Sem um número definido de retornos	2	8,70
TOTAL	23	100

Fonte: elaboração própria.

Sobre esse processo de sensibilização da comunidade, entre as respostas das participantes, pôde-se observar que a divulgação do plantão vem sendo realizada através das redes sociais institucionais e das contas criadas especificamente para o serviço; sites oficiais das universidades; encontros/eventos organizados pela instituição; e distribuição de panfletos e cartazes afixados em murais e em espaços de grande circulação.

Notou-se que o uso de redes sociais tem se mostrado efetivo na propagação da existência do serviço; na elucidação daquilo a que se propõe o plantão, em especial sua distinção em relação à psicoterapia, prática mais conhecida e comumente associada ao exercício da profissão de psicólogo; e na disseminação de informações relativas aos horários e dias em que os plantonistas estão à disposição. A respeito disso, é importante destacar, mais uma vez, como a iniciativa das coordenadoras dos serviços fez a diferença, criando e mantendo contas em redes sociais para o plantão da instituição. Tais contas são, em sua maioria, identificadas através do nome dado ao serviço ou mesmo pela denominação genérica “Plantão Psicológico”, seguido do nome do setor/unidade responsável pelo serviço ou o nome

da universidade. Nos casos de universidades com campi em cidades diferentes, o nome da localidade também compõe a identificação do usuário na rede. É particularmente através dessas contas que os pormenores sobre o dia a dia do plantão alcançam a comunidade universitária, como por exemplo, informações sobre suspensão do serviço, reativação, mudança de lugar e horários, pausas nos atendimentos por conta do fim do semestre (em alguns casos a oferta do plantão acompanha o calendário letivo por conta dos plantonistas estudantes) etc.

A promoção de eventos de recepção de calouros e de encontros que versam sobre a temática da saúde mental tem sido outra importante aliada na apresentação do plantão à comunidade, bem como o apoio dos centros/diretórios acadêmicos. Nessas ações também se nota o empenho das coordenadoras para levar o plantão ao maior número de discentes e fomentar reflexões no que tange ao campo da saúde mental, que continua a constituir um tabu entre gerações.

Perfil das coordenadoras

A coordenação dos serviços de plantão psicológico vem sendo desempenhada de forma majoritária por mulheres (65,21%), o que justifica a adoção do feminino, ao longo desta pesquisa, nas referências às participantes. Ademais, tem-se predominância de profissionais com idade entre 30 e 39 anos (65,22%), com tempo de atuação no plantão de até 10 anos (78,26%) e ocupantes do cargo de psicóloga⁹ (69,56%). Expõem-se a seguir, nas Tabelas 7 e 8, essas características:

Tabela 7 – Participantes segundo gênero e idade

Idade/Gênero	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
30-39 anos	6	26,09	9	39,13	15	65,22
40-49 anos	2	8,70	3	13,04	5	21,74
50-59 anos	0	0	3	13,04	3	13,04
TOTAL	8	34,79	15	65,21	23	100

Fonte: elaboração própria.

⁹O quadro de servidores das universidades federais é formado por professores do magistério superior e técnicos administrativos, inclusos nessa última categoria diversos cargos, entre eles o de psicóloga. (BRASIL, 2005, 2012).

Tabela 8 – Participantes por cargo e tempo de atuação

Cargo /Tempo de atuação no PP	1-10 anos		11-20 anos		+ de 20 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Psicólogo/a	13	56,52	3	13,04	0	0	16	69,56
Docente	4	17,39	1	4,35	1	4,35	6	26,09
Outro	1	4,35	0	0	0	0	1	4,35
TOTAL	18	78,26	4	17,39	1	4,35	23	100

Fonte: elaboração própria.

A coordenação dos serviços exercida predominantemente por servidoras ocupantes do cargo de psicóloga (cargo de natureza técnico-administrativa) pode estar relacionada ao fato de o plantão ser ofertado não só nos serviços-escola, onde essas profissionais, assim como as professoras, podem exercer a coordenação, mas também em unidades administrativas, âmbitos com menor vinculação docente. Essa caracterização quanto ao cargo ocupado pela coordenadora na instituição, se docente ou técnica administrativa, não indica uma diferenciação no que tange à formação profissional, apenas se o exercício da coordenação ocorre em paralelo ao ensino de componentes curriculares teóricos. Já quanto ao tempo de atuação no plantão, é importante observar que apenas 21,74% das coordenadoras têm mais de dez anos de experiência na modalidade, o que pode estar ligado à implantação recente da maioria dos serviços, como visto anteriormente.

Sujeitos, demandas e possibilidades

a) Público atendido

Nesta categoria, evidenciou-se que, de maneira geral, as universidades não possuem banco de dados consolidados acerca dos atendimentos realizados em plantão ou estão em fase de organização dessas informações. Logo, algumas perguntas que requisitavam dados numericamente precisos, tiveram baixa adesão de respostas e, por esse motivo, não compuseram o *corpus* desta análise. A respeito disso, as participantes mencionaram implantação recente de prontuário eletrônico; dados não separados por modalidade de atendimento (plantão, psicoterapia, psicoterapia breve etc.); dados não divididos em determinadas categorias (gênero, idade, escolaridade); dados não compilados; dificuldades para, ante a escassez profissional e grande demanda, realização de registro manual, operacionalização e organização de fichas cadastrais; e assentamentos sem contemplar maior nível de detalhamento.

A indisponibilidade dos dados numéricos e os fatores associados à sua ocorrência traduzem significativamente os desafios contextuais impostos à estruturação e organização de serviços psicológicos universitários. Por conseguinte, um retrato mais minucioso sobre quem são esses sujeitos para o qual o plantão se inclina não pôde ser realizado, o que levou a uma caracterização subsidiada por quatro variáveis: público-alvo, faixa etária, escolaridade e gênero.

Foi possível identificar (Tabela 9) que 47,83% dos serviços se destinavam especificamente ao atendimento de toda a população discente da instituição (alunos da graduação, pós-graduação, residentes etc.). No entanto, é preciso destacar que todos os serviços ofertavam atendimento a esse público, abrangendo-o numa abertura para contemplar toda comunidade interna (26,09%), como também a externa (17,39%) e, ainda, restringindo-o numa ação mais direcionada à graduação (8,70%). A oferta de atendimento ao público discente em todos os serviços é um dado esperado quando se trata de instituições educacionais.

Tabela 9 – Distribuição dos serviços em função da população à qual se destina o atendimento

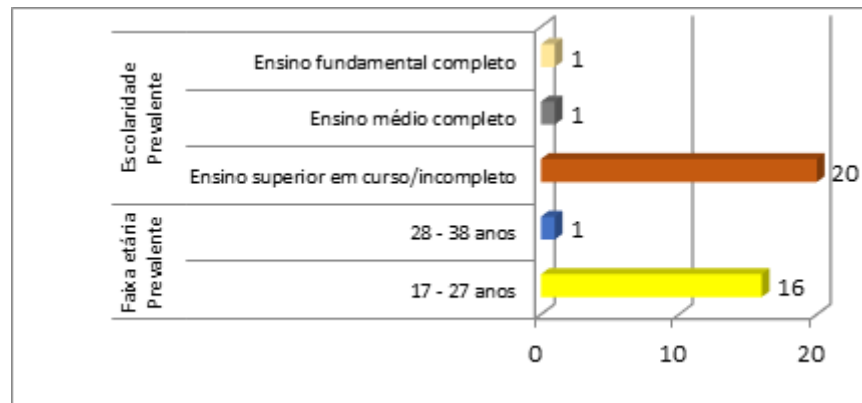
PÚBLICO-ALVO	N	%
Todos os alunos da instituição	11	47,83%
Toda a comunidade universitária (alunos, professores e técnicos administrativos)	6	26,09%
Comunidade interna e externa	4	17,39%
Todos aos alunos da graduação	2	8,70%
TOTAL	23	100,00

Fonte: elaboração própria.

As perguntas relacionadas à faixa etária e escolaridade dos usuários do serviço se estruturaram em torno da prevalência, de forma tal que as participantes apontavam, entre as opções apresentadas, somente a característica que predominava em cada uma dessas variáveis (“qual a faixa etária prevalente do público atendido?” e “qual a escolaridade prevalente do público atendido?”). É válido esclarecer que essas duas perguntas não foram respondidas por todas as participantes da pesquisa, alcançando 17 e 22 respostas respectivamente. Desse modo, conforme exposto na Figura 3, a faixa etária prevalente dos usuários em 16 (94,12%) serviços foi de 17 a 27 anos, o que sinaliza uma relação direta com o atendimento de estudantes universitários, população abarcada como público-alvo em todos os serviços e cuja média etária é, segundo o Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRECE) (2019), de 24,43 anos. Esse achado é corroborado pelos dados de

escolaridade (Figura 3), em que o ensino superior em curso/incompleto predominou entre os usuários de 20 (90,9%) serviços.

Figura 3 – Distribuição de escolaridade e faixa etária prevalentes por serviços



Fonte: elaboração própria.

Os dois serviços (9,10%) que indicaram o ensino fundamental e médio completos como escolaridade prevalente dos usuários evidenciam o plantão como um dispositivo de atendimento em saúde mental à comunidade externa, compondo o corpo de práticas que permitem à universidade, a partir do seu instrumental de ensino e pesquisa, o cumprimento da tarefa de ofertar cuidado e atenção à população, o que, inclusive, constitui o seu terceiro pilar de sustentação (Ortolan; Sei; Victrio, 2018; Staliano, 2017).

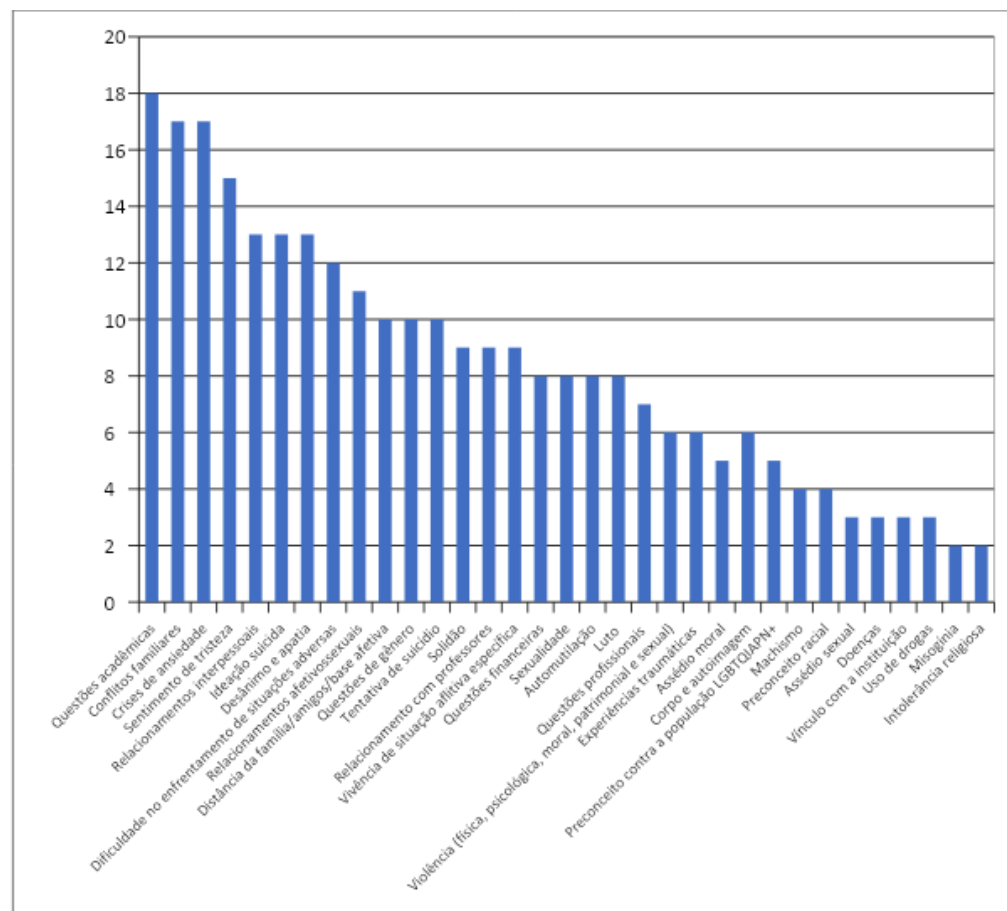
Quanto à caracterização dos usuários por gênero, apenas nove serviços participaram da composição desse recorte e, em todos eles, houve prevalência do gênero feminino. Um único serviço apresentou dados organizados em mais de dois tipos de identidades de gênero, razão pela qual não foi possível estabelecer um comparativo mais amplo. Assim, o público feminino foi de 68,44% e o masculino 31,56%, o que converge com o perfil predominante dos discentes que acessam os serviços psicológicos nas universidades, bem como com o gênero dos estudantes mais afetados por dificuldades de ordem emocional (FONAPRECE, 2019). Essa maior busca das mulheres por atendimento psicológico é um fenômeno multifatorial, que passa pela maior aceitação sociocultural em relação à expressão feminina de sentimentos e problemas e culmina na consideração de que mulheres têm suas vivências marcadas mais frequentemente por situações de vulnerabilidades e violências, além de terem, em sua constituição subjetiva, inscritas responsabilidades com o cuidado e a afetividade. Dessa forma, a compreensão dos fatores de riscos à saúde mental enseja uma articulação entre

desigualdades sociais de gênero e sofrimento psíquico (Souza; Santos; Vivian, 2014; Mota, 2017).

b) Demandas e desdobramentos na instituição

As demandas apontadas como as mais comuns nos atendimentos em plantão foram as questões acadêmicas, seguidas pelos conflitos familiares e crises de ansiedade (Figura 4). Esse achado também direciona o plantão para o público discente e traz para o debate a necessidade de se desenvolver ações voltadas para a promoção de bem-estar psicossocial aos estudantes em estreita intersecção com aspectos da vivência universitária.

Figura 4 – Demandas mais comuns nos atendimentos em plantão



Fonte: elaboração própria.

O ingresso na universidade é permeado por transformações significativas na vida dos estudantes, passando muitas vezes pela saída de casa; mudança de cidade, especialmente com

a implementação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que rompeu a barreira da distância ao possibilitar um processo seletivo único para instituições públicas de diversas localidades do país; distanciamento da base afetiva (amigos do ciclo escolar ou mesmo familiares); novos processos avaliativos; rotinas de estudos mais intensas; extensa carga de atividades; dinâmica de tarefas em equipe e apresentações orais; busca por notas mais altas a fim de alcançar mais oportunidades acadêmicas; preparação para atuação profissional e entrada no mercado de trabalho ou, ainda, conciliação entre estudos e trabalho. Tudo isso contribui para amplificação de problemas relativos à saúde mental desses estudantes, como asseveram Graner e Cerqueira (2019) ao identificarem que as questões de ordem acadêmica são as mais apontadas na literatura como fator de risco para sofrimento psíquico entre universitários.

A busca frequente do plantão para o compartilhamento de angústias da vivência universitária sinaliza que esse dispositivo tem se consolidado como um espaço democrático com o qual o estudante pode contar dentro da universidade, viabilizando, inclusive, leituras de demandas de ordem coletiva, o que legitima, em especial, um dos fatores, identificados neste estudo, que levaram à implantação do plantão na universidade: o cuidado e escuta sobre/na universidade. Pan, Zonta e Tovar (2015) consideram que a oferta do plantão na instituição universitária constitui um espaço de circulação da palavra que permite compreender o sujeito em sua relação com a universidade.

As demandas mais comuns identificadas nesta pesquisa assemelham-se aos achados de Risczik, Strassburg e Fernandes (2019) num estudo sobre usuários e demandas atendidas no plantão ofertado por uma universidade do estado do Paraná. No referido estudo, constatou-se que os conflitos familiares, depressão e ansiedade foram as três queixas mais frequentes nos atendimentos em plantão daquela universidade. Acerca disso, Graner e Cerqueira (2019) constataram que, no Brasil, a prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre acadêmicos é maior do que na população geral.

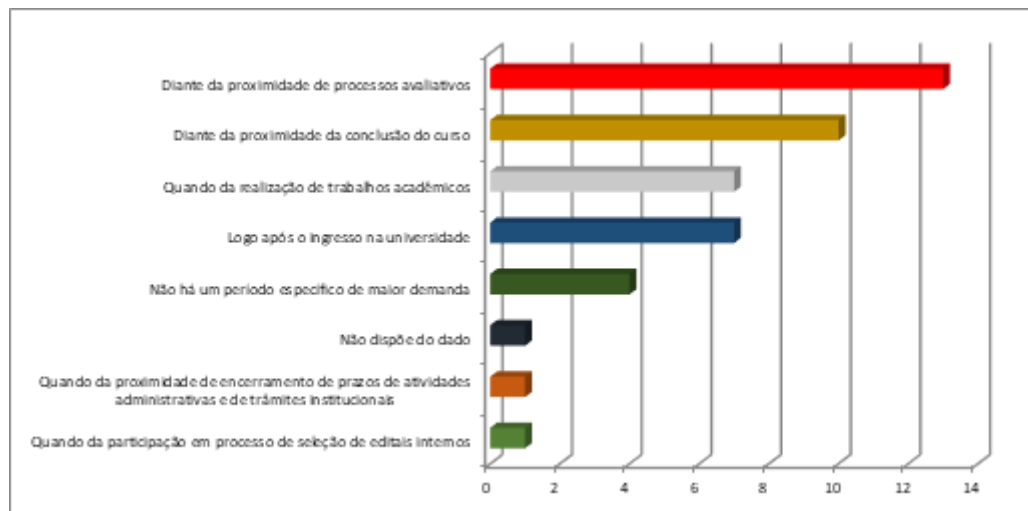
Já o FONAPRECE (2019) mostra que, entre os estudantes universitários de instituições federais, 83,5% vivenciam alguma dificuldade emocional que interfere na sua vida acadêmica, sendo a ansiedade (63,6%), o desânimo/desmotivação (45,6%), a insônia/alterações no sono (32,7%), a sensação de desamparo/desespero (28,2%), a solidão (23,5%) e a tristeza persistente (22,9%) as mais recorrentes. Nesse sentido, a possibilidade de acessar serviços clínico-psicológicos na iminência de eclosão de crises e agravos psíquicos faz do plantão uma clínica potente, que se abre para o sujeito que sofre em seu tempo e lugar.

Outro dado chama a atenção: a ideação suicida foi considerada uma demanda frequente nos atendimentos em plantão de pelo menos 13 (68,42%) dos 19 serviços que responderam a

essa pergunta. Soma-se a isso o dado relativo à tentativa de suicídio, que não corresponde à potência, mas ao ato não fatal dirigido a si mesmo com vista a cessar própria vida, o qual foi apontado por 52,63% dos serviços como uma demanda recorrente. Sabe-se que o suicídio é a segunda causa de morte na população universitária e a ideação suicida atinge 8,5% dos estudantes das instituições federais de ensino superior (FONAPRECE, 2019). Como ainda há muito estigma em torno do suicídio, muitos estudantes não buscam ajuda ou não sabem como fazê-lo. Esses dados revelam a necessidade de incluir a prevenção ao suicídio na agenda de ações em saúde mental das universidades. Além da intensificação de ações específicas, que permitam romper com tabus e disseminar conhecimento acerca do tema, é importante que as instituições pensem mecanismos que possibilitem responder a essa demanda quando do seu irrompimento, como suportado no plantão, provendo acolhimento respeitoso ao sujeito que, mobilizado pela vulnerabilidade gerada pela experiência de angústia, busca ajuda (Perches, 2009).

Considerando a rotina de atividades acadêmicas e administrativas, o período mais indicado como sendo de maior demanda por atendimento em plantão foi quando da proximidade de processos avaliativos (Figura 5).

Figura 5 – Períodos de maior demanda por atendimento



Fonte: elaboração própria.

Assim, pôde-se notar uma relação bem definida entre aspectos do processo formativo ligados à aferição do desempenho acadêmico e a iminência de urgências psicológicas. Embora a concepção de desempenho não se limite às notas logradas em componentes curriculares e

transformadas em coeficientes de rendimento, esse é o modelo adotado, de maneira geral, pelas universidades, para estabelecer mensurações que possibilitem avaliar, entre outros aspectos, o progresso estudantil, a elegibilidade do acesso às oportunidades acadêmicas e também a própria performance institucional. Sobre isso, os problemas emocionais ou do campo da saúde mental figuram em terceiro lugar (23,7%) entre as dificuldades que mais impactam no desempenho acadêmico dos estudantes de acordo com o FONAPRECE (2019).

Garner e Cerqueira (2019) apontam que as primeiras e últimas séries dos cursos são potenciais fatores de risco para sofrimento psíquico entre universitários, as quais, neste estudo, têm correspondência com os segundo e quarto períodos de maior demanda por atendimento em plantão. A adaptação ao curso e à universidade e os dilemas pertinentes à inserção na carreira são fontes de preocupações e incertezas que podem afetar qualitativamente a vivência dessas fases.

Sobre ações adotadas a partir da identificação das demandas atendidas, das 20 respostas obtidas, observou-se que em apenas 4 (20%) serviços não são desenvolvidas atividades específicas com base nos atendimentos em plantão. Em um desses serviços evidenciou-se uma desarticulação com outros atendimentos em saúde da instituição, de forma que o plantão não era considerado enquanto fonte de dados acerca das necessidades da comunidade e à saúde mental não era conferida visibilidade ou atenção particularizada. Como afirma uma das Coordenadoras “*o setor de saúde da instituição raramente promove ações especificamente voltadas à saúde mental. Quando o faz, ignora a existência do plantão psicológico*” (C2).

Entre os 16 serviços que promovem ações como desdobramento das demandas recorrentes no plantão, destacam-se a realização de grupos temáticos e rodas de conversa, sendo relatadas também campanhas específicas, palestras, oficinas e oferta de psicoterapia breve. Entre os temas mais comumente trabalhados estão: saúde mental e vida acadêmica, gestão de tempo, habilidades sociais, hábitos de estudos, dificuldade de falar em público, controle de ansiedade, suicídio, relacionamento interpessoal, autoconhecimento e saúde geral. Uma iniciativa visou integrar os atendimentos em plantão ao suporte oferecido pela rede pública ao elaborar uma cartilha de orientação sobre onde e como buscar ajuda na RAPS. Outras ações buscam uma maior aproximação com público discente através do apoio de recursos audiovisuais e uso de mídias sociais: *lives*, *podcasts* e cine-debates, que, em alguns casos, contam com a participação de especialistas de diversas áreas.

c) Encaminhamentos e Rede de Atenção

A característica do plantão de responder à demanda quando ela é apresentada requer aqui uma pormenorização. Responder não é o mesmo que atender. Ao se pretender atender a todas as demandas que chegam incorre-se no risco de massificar os atendimentos e apagar singularidades (Mahfoud, 1987; Schmidt, 1999). Responder volta-se para a explicitação da demanda e seus possíveis caminhos, propiciando ao sujeito que busca ajuda condições para se posicionar frente ao que vive ao passo que um posicionamento do próprio serviço, acerca daquilo que pode ou não oferecer, acontece. Responder é vital para o plantão (Schmidt, 2004). Assim, incorporam-se à rotina do plantão alguns prováveis desdobramentos, como retornos, psicoterapia e encaminhamentos.

Quando perguntados sobre as demandas em plantão que ensejavam encaminhamento, predominaram, entre os relatos das participantes, a ideação e/ou tentativa de suicídio e os transtornos psiquiátricos graves. Violência de gênero, violência sexual, questões de saúde geral, pedagógicas ou relacionadas às políticas públicas de assistência social e casos que requerem acompanhamento psicológico sistemático prolongado também são demandas que costumam ser direcionadas a outros serviços, especialidades ou práticas clínicas. Nota-se que são os quadros considerados de potencial gravidade ou que implicam uma atuação/assistência multidisciplinar que têm sido objeto de encaminhamentos na clínica do plantão nas universidades.

Para Mahfoud (1987, p. 82), o plantão contém em si um “caráter de triagem não-clássica” que não o delimita e nem o dirige, mas está presente quando o plantonista avalia, junto com o sujeito, possibilidades de continuidade ou de diversificação do cuidado. Responder à pluralidade, reconhecendo aquilo que se é capaz de atender, leva à consideração de que o plantão não deve ser tomado como um serviço autossuficiente (Schmidt, 2004).

Acerca da realização de encaminhamentos para serviços dentro da própria instituição, entre as 20 respostas obtidas, observou-se que em apenas 5 (25%) serviços não há essa possibilidade. Os serviços que realizam encaminhamentos internos os fazem para setores/núcleos/projetos diversos, contemplando atendimento psicológico continuado; psiquiátrico; pedagógico; na área de serviço social; de saúde geral (medicina em suas várias especialidades, nutrição, fisioterapia e educação física); de administração institucional e de orientação jurídica. Alguns encaminhamentos foram descritos de maneira mais específica, como para “*atendimentos psicológicos a pessoas vítimas de racismo*” (C18) e para o “*setor que atua na área de inclusão, favorecendo o uso de metodologias adaptativas em casos de*

estudantes com necessidades especiais” (C5). Toda essa interlocução indica a procura do plantão pela comunidade acadêmica para uma ampla gama de necessidades de suporte, entre as quais as de enfrentamento às situações de exclusão e discriminação, e o empenho das profissionais envolvidas em prover atendimento adequado dentro da universidade.

Já quanto à articulação do plantão com outras instituições, observou-se que em 11(55%) serviços isso não acontece. Tal dado revela a necessidade de uma investigação mais minuciosa sobre como esse cenário pode impor limitações ao contorno de práticas clínico-psicológicas na universidade e as ressonâncias numa modalidade de atenção que se abre à acolhida. Nesse sentido, Schmidt (2004) assevera que o plantão precisa se estruturar a partir da comunhão entre os recursos pessoais do sujeito, os recursos coletivos da comunidade, neste caso a universitária, e os recursos das instituições públicas e privadas disponíveis na sociedade.

Entre os nove serviços em que há algum tipo vinculação externa, o estabelecimento de parcerias entre a universidade e instituições públicas e/ou privadas foi referido por seis deles como uma forma de articulação adotada. Já a interlocução com a RAPS foi uma estratégia presente em cinco serviços e com a Atenção Primária à Saúde (APS) em dois. Um dos serviços não soube definir precisamente o tipo de articulação instituída:

Atualmente o plantão está indiretamente articulado, por intermédio do Serviço-Escola de Psicologia, à secretaria municipal de saúde. Entretanto, por se tratar de vinculação recente e ainda não suficientemente esclarecida, não sabemos exatamente que tipo de articulação é essa. (C2)

A formação de laços de solidariedade e alianças, capazes de alcançar âmbitos que vão além daqueles que serviços universitários podem suprir, amplia as possibilidades de respostas que o plantão pode subsidiar ao sujeito em sofrimento (Schmidt, 2004). É também essa maleabilidade quanto à direção do processo de cada sujeito que permite ao plantão manter-se disponível mesmo quando algum tipo de encaminhamento já foi estabelecido, tornando-se um recurso em saúde mental acessível para novas situações ou enquanto facilitador para o início da nova terapêutica delineada (Mahfoud, 1987).

O plantão na assistência estudantil

Os dados até aqui analisados apontam para o atendimento à comunidade discente como ponto alto do plantão ofertado nas universidades. Ao deter a análise sobre o órgão/setor ao qual o serviço está vinculado (Tabela 10), em que se evidenciou uma estreita relação com a assistência estudantil, pôde-se constatar que o plantão psicológico nas instituições

universitárias tem sido idealizado e instrumentalizado para o atendimento a essa população. Esse dado, quando comparado aos achados de Scorsolini-Comin (2015) e Freitas, Caputo e Teixeira (2023), que apontam os serviços-escola como local de origem da maior parte dos estudos sobre o tema, pode indicar que a prática do plantão na assistência estudantil não vem se desdobrando em pesquisas científicas, pautando-se prioritariamente no atendimento às demandas mais imediatas da comunidade acadêmica. A oferta do plantão no campo da assistência aos estudantes desvela um crescente investimento em políticas e práticas que transcendem o acesso e se dirigem também à permanência.

Tabela 10 – Distribuição do plantão por órgão/setor ao qual está vinculado

ÓRGÃO/SETOR	N	%
Pró-reitoria responsável pela assistência estudantil ou órgão/setor que desenvolva atividades equivalentes	11	47,83
Serviço-escola de psicologia	5	21,74
Pró-reitoria responsável pela extensão universitária ou órgão/setor que desenvolva atividades equivalentes	3	13,04
Setor de psicologia da instituição ou departamento equivalente	3	13,04
Pró-reitoria responsável pela gestão de pessoas ou órgão/setor que desenvolva atividades equivalentes	1	4,35
TOTAL	23	100

Fonte: elaboração própria.

Para Medeiros e demais autores (2022), os serviços de acolhimento à saúde mental da comunidade discente, entre os quais o plantão desponta como o mais frequentemente ofertado, ganharam um novo capítulo com a implantação do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010, que estabelece, em seu Artigo 3º, Parágrafo 1º, a atenção à saúde como uma das áreas de abrangência, o que inclui a saúde mental (Brasil, 2010). Trata-se de pensar modos de intervenção a partir de políticas estudantis voltadas a impedir que vulnerabilidades obstaculizem o direito à educação, o que deve abarcar a consideração das demandas emocionais e suas ressonâncias na vivência universitária.

As significativas mudanças ocorridas nas universidades nas últimas décadas, decorrentes do processo de expansão e democratização do acesso à educação superior pública, trazem novas questões para o fazer *psi* nessas instituições, como prestar atendimento a um maior número de estudantes e olhar com especial cuidado para as necessidades dos discentes negros, indígenas, em situação economicamente desfavorável e com deficiência, aos quais as possibilidades de ingresso foram historicamente negadas (Santos *et al.*, 2015). É preciso

manter-se presente e disponível para acolher e apoiar a vivência desses estudantes, fomentando a (re)organização dos seus recursos internos de enfrentamento para que, assim, possam se fortalecer, potencializar as suas narrativas e ocupar espaços dentro e fora do contexto universitário. Aqui o plantão, no âmbito da assistência estudantil, pode estabelecer importantes diálogos com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (Brasil, 2011), e fortalecer pontes que favorecem o atendimento das necessidades sociais e preservação de direitos.

Pan, Zonta e Tovar (2015) consideram que a oferta do plantão na assistência aos estudantes promove deslocamentos e reflexões importantes sobre a própria atuação do psicólogo escolar nas universidades e sobre a implicação dessas instituições na produção de condições que afetam os seus membros. Para esses autores, a ênfase no acompanhamento psicoterápico sistemático individual, prática habitualmente adotada por psicólogos atuantes no ensino superior, acaba permitindo localizar no estudante queixas que são produzidas institucionalmente, sem, com isso, levar a instituição a repensar seu papel nesse processo.

Além disso, a estruturação dos serviços psicológicos em torno da psicoterapia individual ocasiona a formação de filas de espera intermináveis, tornando os atendimentos em psicologia pouco tangíveis para a maior parte da população universitária e, por conseguinte, distanciando-se, no que concerne à saúde mental, do compromisso da assistência estudantil em assegurar o acesso a condições básicas de permanência na universidade. A importância do acesso aos serviços psicológicos pelos estudantes fica ainda mais evidente quando se analisa que, conforme dados do FONAPRECE (2019), esses serviços figuram entre os mais procurados por essa população após apenas aqueles relacionados às necessidades mais fundamentais de sobrevivência. Assim, o referido Fórum revela que, entre os serviços, ações ou programas mais utilizados pelos discentes de instituições federais de ensino superior no âmbito da assistência estudantil, o atendimento psicológico ficou em quinto lugar (3%), atrás apenas dos voltados à alimentação (17,3%), bolsa permanência (9,4%), transporte (8,2%), e moradia (7,5%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre plantão e universidade, como apresentada neste estudo, mantém-se em um terreno fértil de colaboração mútua, tendo, nas últimas décadas, alcançado sua maior expressão. O plantão encontra na universidade importantes condições para seu desenvolvimento: uma comunidade plural, recursos e possibilidades teórico-práticas diversas; oportunidades para construção de alianças intra e extra institucionais; e o compromisso da instituição universitária com serviços e políticas de atenção à saúde mental. Em contrapartida, a universidade tem no plantão as portas abertas para acolher as demandas da comunidade, ofertando-lhe uma escuta cuidadosa e atenta ao passo que consegue empreender uma leitura das necessidades de ordem coletiva, o que possibilita proposição de políticas e intervenções institucionais direcionadas. Além disso, o plantão constitui um campo para formação de profissionais e atores sociais com olhar sensível para subjetividade e afetividade humana em todas as suas nuances, ampliando a concepção de clínica em psicologia.

Constatou-se que a oferta do plantão nessas instituições muito se deve à iniciativa e empenho de profissionais que, confiantes nas potencialidades dessa modalidade de atenção, buscam meios de superar as adversidades para disponibilizar um dispositivo consoante às necessidades da comunidade. Assim, observa-se que a sensibilidade e coragem dos profissionais do SAP da década de 1960, que, numa conjuntura política e social adversa, ousaram propor escuta em tempo de silenciamento, continuam a ressoar como princípios norteadores entre aquelas que fazem o plantão acontecer nas universidades hoje.

O plantão psicológico nas universidades é, em especial, espaço de acolhimento dos seus membros em sua relação com a instituição, sendo o público discente essencialmente o seu maior foco de atenção. A possibilidade de compartilhar contribui para tornar a vivência universitária uma experiência menos solitária e difícil: trata-se de um estar junto nessa caminhada tão desafiadora, colocando-se disponível e acessível àqueles que sentem a necessidade de um suporte psicoemocional.

O sofrimento mental de estudantes universitários tem sido objeto de estudo em inúmeras pesquisas e o caráter emergencial desse sofrimento encontra lugar no plantão, o que permite prevenir agravos e promover saúde. Essa dinâmica também constitui uma forma de equacionar as longas filas dos serviços psicológicos universitários, geradas pela própria estrutura desses serviços, tradicionalmente centrada no atendimento psicoterápico individual sistemático.

Temas importantes no que tange à saúde mental da comunidade universitária puderam ser acessados através deste estudo, desvelando que questões acadêmicas, conflitos familiares, crises de ansiedade e sentimento de tristeza têm constituído as razões mais frequentes para busca dessa população por ajuda. Nesse cenário, empreender esforços para lidar com a ideação/tentativa suicida nas universidades mostrou-se uma pauta urgente e atual. Ademais, identificou-se que a maior parte das instituições universitárias dispõe de uma estrutura que permite a realização de encaminhamentos internos dos casos atendidos em plantão que apresentem maior gravidade ou necessitem de intervenções em outras especialidades. Tratativas para estabelecimento de encaminhamentos externos ainda precisam ser desenvolvidas pela maioria das universidades, bem como um trabalho efetivo de intercomunicação com as políticas públicas em saúde mental, (co)laborando para esse diálogo com seus saberes e práticas e fomentando avanços na oferta de serviços em saúde pública.

Salienta-se a necessidade de maior compartilhamento dos saberes sobre as práticas desenvolvidas no plantão psicológico nas universidades. As pesquisas devem refletir os aportes que têm sido realizados no exercício desse fazer clínico, de forma que se torna necessário a realização de estudos que abordem a inserção do plantão na assistência estudantil, bem como a partir da terapia cognitivo comportamental e da psicanálise. Esse contexto e essas abordagens, apesar de estarem enriquecendo a prática, estão pouco presentes nas pesquisas sobre o tema. Consolidá-los teoricamente é aproximar pesquisa e intervenção acerca do plantão psicológico nas instituições universitárias.

Como limitação deste estudo, tem-se a composição do *corpus* de análise apenas por universidades públicas federais, permanecendo de fora instituições públicas estaduais, como a USP, onde as sementes do plantão foram lançadas. Além disso, a inclusão de instituições privadas de ensino superior proporcionaria um retrato mais completo sobre o fazer plantão no ambiente educacional.

Por fim cabe destacar a importância da construção de um trabalho em rede e a identificação de recursos disponíveis - institucionais, comunitários, públicos e privados - para sustentação de uma modalidade de atenção clínico-psicológica que, em seus limites e potencialidades, não pode ser tomada como solução para todas as questões em saúde mental nas universidades, exigindo a intersecção com dispositivos do SUS, assim como do SUAS, dentro e fora do contexto político institucional das universidades.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Fázia Beatriz Torres; ANDRADE, Andréa Batista de; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Psychological duty as strategy of extended clinic in basic health care. **Contextos Clínicos**, v. 8, n. 2, p. 141-152, 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v8n2/v8n2a04.pdf> Acesso em: 06 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORGES, Isadora Luciana Furtado; BRITO, Liliana de Sousa; DANTAS, Jurema Barros. Plantão Psicológico: acolhimento e escuta na Clínica Escola da UFC. **Revista Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 2, n. 14, p. 94-107, jul./ dez. 2017. Disponível em:

<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52723>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.435, de 06 de julho de 2011. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 06 jul. 2011. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12435.htm. Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 12 jan. 2005. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11091.htm. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal; sobre a Carreira do Magistério Superior, de que trata a Lei nº 7.596, de 10 de abril de 1987; sobre o Plano de Carreira e Cargos de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e sobre o Plano de Carreiras de Magistério do Ensino Básico Federal, de que trata a Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008; sobre a contratação de professores substitutos, visitantes e estrangeiros, de que trata a Lei nº 8.745 de 9 de dezembro de 1993; sobre a remuneração das Carreiras e Planos Especiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, de que trata a Lei nº 11.357, de 19 de outubro de 2006; altera remuneração do Plano de Cargos Técnico-Administrativos em Educação; altera as Leis nºs 8.745, de 9 de dezembro de 1993, 11.784, de 22 de setembro de 2008, 11.091, de 12 de janeiro de 2005, 11.892, de 29 de dezembro de 2008, 11.357, de 19 de outubro de 2006, 11.344, de 8 de setembro de 2006, 12.702, de 7 de agosto de 2012, e 8.168, de 16 de janeiro de 1991; revoga o art. 4º da Lei nº 12.677, de 25 de junho de 2012; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 19 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do**

Brasil: Brasília, DF, 19 set. 1990. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização** – HumanizaSUS. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil:** Brasília, DF, 19 jul. 2010. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em: 06 jun. 2024.

CASTRO, Rosana. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 1, p. e310100, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310100>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CURY, Silva Vera Engler. Plantão Psicológico em Clínica- Escola. *In:* MAHFOUD Miguel (org.). **Plantão psicológico: novos horizontes**. 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012.

ESTELLITA-LINS, Carlos; OLIVEIRA, Verônica Miranda; COUTINHO, Maria Fernanda. Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 205–215, jan. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/z3tk3FJJHyBndMchNTpg3DD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2024.

Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRECE. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018**. Brasília, DF: FONAPRECE, 2019 Disponível em:

<https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FREITAS, Juliana Sapucaia; CAPUTO, Maria Constantina; TEIXEIRA, Carmen Fontes. Ser escutado, perceber que suas experiências importam, contribui para o resgate da dignidade do ser humano. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 22, n. 1, p. 113-122, 2023.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/52286/29334>. Acesso em: 06 jun. 2024.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n.4, p. 1327-1346, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/RLFrGpHpQKgkYpwXvHx3B3b/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MAHFOUD, Miguel Mahfoud. A Vivência de um desafio: plantão psicológico. *In:*

ROSENBERG, Rachel Lea (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo, SP: EPU, 1987. p. 75-83.

MAHFOUD, Miguel Mahfoud. Desafios sempre renovados: plantão psicológico. *In:*

TASSINARI, Márcia Alves; CORDEIRO, Ana Paula da Silveira; DURANGE, Wagner

Teixeira (orgs.). **Revisitando o plantão psicológico centrado na pessoa**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2013. p. 33-50.

MEDEIROS, Lisandra Rodrigues de. *et al.* Cartografia dos serviços de acolhimento ao acadêmico em sofrimento psíquico nas universidades públicas brasileiras. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 27, p. e75756, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/75756> Acesso em: 06 jun. 2024.

MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. Casa do Psicólogo, 1999.

MOTA, Mirella de Lucena. **Violência contra as mulheres e saúde mental: silenciamentos e invisibilidades do sofrimento de usuárias da atenção primária à saúde em Recife**. 2017. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25471>. Acesso em: 06 jun. 2024.

ORTOLAN, Maria Lúcia Mantovanelli; SEI, Maíra Bonafé; VICTRIO, Kawane Chudis. Serviço-escola de psicologia e potencialidades dos projetos de extensão: construção de políticas públicas em saúde mental. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 5, n. 1, p. 78-85, 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rbts/article/view/13404>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PALMIERI, Tatiana Hoffmann; CURY, Vera Engler. Plantão psicológico em hospital geral: um estudo fenomenológico. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n.3, p. 472-479, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/7ZpfjKNjbrppy8F3BF6BDJc/abstract/?lang=pt> Acesso em: 06 jun. 2024.

PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza; ZONTA, Grazielle Aline; TOVAR, Alexander. Plantão institucional: relato de experiência de uma intervenção psicológica na UFPR. **Psicologia em Estudo**, v. 20, n. 4, p. 555-562, out./dez. 2015. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/27594/pdf> Acesso em: 06 jun. 2024.

PERCHES, Tatiana Hoffmann Palmieri. **Plantão psicológico: o processo de mudança psicológica sob a perspectiva da psicologia humanista**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15653>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PEREIRA, Fernanda Marques. A maleabilidade do plantão psicológico nos contextos de atuação: uma medida preventiva à pós-modernidade. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, v. 4, n. 1, p. 48-1-48-21, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiSH&page=article&op=view&path%5B%5D=806>. Acesso em: 06 jun. 2024.

REBOUCAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. Goiânia, v. 16, n. 1, p. 19-28, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jun. 2024.

RISCZIK, Jussane Alexandre; STRASSBURG, Samara Cecilia Bolico; FERNANDES, Alessandra Vieira. Reflexões sobre o plantão de atendimento psicológico a partir da caracterização de usuários/as e demandas. **Em Extensão**, v. 18, n. 2, p. 3-18, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/48365> Acesso em: 06 jun. 2024.

ROGERS, Carl Rogers. **Terapia Centrada no Cliente**. Tradução: Manuel do Carmo Ferreira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1951.

ROSENBERG, Rachel Lea. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo, SP: EPU, 1987.

SANTOS, Anelise Schaurich dos *et al.* Atuação do Psicólogo Escolar e Educacional no ensino superior: reflexões sobre práticas. **Psicologia escolar e educacional**, v. 19, n. 3, p. 515-524, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/93ZSDqyVrzZyqP5GSPSbTJf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2024.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. Aconselhamento psicológico e instituição: algumas considerações sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do IPUSP. *In:* MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999, p. 91- 106

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. Aconselhamento psicológico: questões introdutórias. *In:* ROSENBERG, Rachel Lea (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. p. 14-23.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/pYvnBrRFMt76LR8CNZyYssC/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 06 jun. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 163-173, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/G7sNXfF8hfZfJFSxZTZHCnR/?lang=pt&format=html> Acesso em: 06 jun. 2024.

SOUZA, Bianca Nascimento de; SOUZA, Airlle Miranda de. Plantão psicológico no Brasil (1997-2009): saberes e práticas compartilhados. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, n. 2, p. 241-249, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/H8r4Wp9nySM3k7N4H9Gs6Oj/?lang=pt> Acesso em: 06 jun. 2024.

SOUZA, Fernanda Pasquoto; SANTOS, Débora de Freitas Gonçalves; VIVIAN, Aline Groff. Motivos da busca de atendimento psicológico em uma clínica escola da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. **Aletheia**, Canoas, n. 43-44, p. 24-36, ago. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 06 jun. 2024.

STALIANO, Pamela et al. Plantão psicológico na clínica-escola de psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. **Revista on line de Extensão e Cultura-RealizAção**, v. 4, n. 80, p. 33-45, 2017.

TASSINARI, Marcia Alves. **A clínica da urgência psicológica**: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.gruposerbh.com.br/textos/teses_doutorado/tese02.pdf Acesso em: 06 jun. 2024.

TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE, Wagner (orgs.). **Plantão e a clínica da urgência psicológica**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

TASSINARI, Marcia Alves; DURANGE, Wagner. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 41-64, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100004&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 06 jun. 2024.

COMENTÁRIOS FINAIS

O primeiro artigo desta dissertação voltou-se para a produção científica acerca do plantão psicológico que estava disponível na íntegra on-line no Portal de Periódico da CAPES. O segundo, para retratar a sua presença nas universidades, instituições voltadas para o conhecimento, seja através do ensino, da pesquisa e da extensão. Cabe aqui então um adendo sobre um formato de publicação muito importante e capaz de contar, em suas páginas, a história do plantão desde suas raízes: o livro. Inclusive foi a partir dos livros, lidos em sua ordem cronológica de publicação, que esta dissertação pôde resgatar os primórdios dessa prática de atenção, contemplando a conjuntura política vigente, o próprio exercício da psicologia e a noção de pessoa para a qual vertentes dessa área de conhecimento se inclinam, além de lançar luz sobre os princípios norteadores e postura clínica necessários para dar suporte ao que, posteriormente, veio a ser chamado, por Tassinari (2003), de urgência psicológica.

Isso posto, cabe ressaltar o decurso temporal entre o surgimento e evolução do plantão e as produções sobre o tema, pois, apesar de sua origem em 1969, a primeira publicação a respeito só ocorreu em 1987 com o artigo de Miguel Mahfoud “A Vivência de um Desafio: plantão psicológico” no livro “Aconselhamento Psicológico Centrada na Pessoa”, organizado por Rachel Lea Rosenberg. É verdade que já na introdução da referida obra, Rosenberg (1987) traz os primeiros contornos do plantão psicológico, todavia é no capítulo escrito por Mahfoud que o plantão é formalmente apresentado e alguns casos são discutidos.

O primeiro livro voltado especificamente para o plantão psicológico só foi publicado em 1999, com o título “Plantão Psicológico: novos horizontes”, organizado por Miguel Mahfoud, o qual, numa perspectiva original, apresenta suas análises e vivências sobre o tema, bem como as de sete outros pesquisadores. A segunda obra brasileira dedicada a esse tema foi publicada em 2013, intitulada “Revisitando o Plantão Psicológico Centrado na Pessoa”, organizada por Márcia Alves Tassinari, Ana Paula da Silva Cordeiro e Wagner Teixeira Durange, e traz o compartilhamento de reflexões e experiências com o plantão psicológico desenvolvidas em vários lugares do Brasil.

A importância do livro na disseminação do conhecimento científico reside especialmente na possibilidade de congregar experiências, questionamentos e saberes sobre um tema a partir do olhar de diversos autores, de diferentes instituições e com atuação em em vários contextos. A (re)união e compartilhamento das vivências no plantão psicológico podem

desvelar um cenário de inovações e desafios que permeiam esse dispositivo de escuta, ampliando a compreensão sobre as formas de cuidado do sofrimento humano.